

Isabella Araújo Figueiredo

**Ano do Brasil na França e Ano da França no Brasil: diplomacia cultural e relações
bilaterais**

Brasília

2010

Isabella Araújo Figueiredo

Ano do Brasil na França e Ano da França no Brasil: diplomacia cultural e relações bilaterais

Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Antônio Carlos Lessa

Brasília

2010

RESUMO

A diplomacia cultural é ainda uma dimensão incipiente do contexto diplomático no Brasil, apesar de esse quadro vir se alterando nos últimos anos. Muitas dessas mudanças estão relacionadas às boas relações entre Brasil e França. Por conta desse relacionamento entre os dois países, este trabalho tem como objetivo principal analisar como se aplicou a diplomacia cultural em dois eventos distintos: o Ano do Brasil na França e o Ano da França no Brasil. Para isso, apresentam-se detalhes dos dois eventos à luz do estudo de conceitos de cultura, diplomacia cultural, *hard power* e *soft power*. Além disso, apresenta-se também o desenvolvimento das relações bilaterais entre Brasil e França nos últimos anos.

Palavras - chave: Diplomacia cultural, Brasil, França

ABSTRACT

Cultural diplomacy is still an incipient dimension of diplomatic context in Brazil, although this situation is about to change in the coming years. Many of these changes are related to good relations between Brazil and France. Because of this relationship between the two countries, the main objective of this paper is to analyze how the cultural diplomacy was applied in two separate events: the Year of Brazil in France and the Year of France in Brazil. For this, details of the two events are presented in the light of the study of concepts of culture, cultural diplomacy, hard power and soft power. Moreover, it also presents the development of Brazil and France's bilateral relations in recent years.

Key words: Cultural diplomacy, Brazil, France

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1: Comparativo: eventos oficiais cancelados	33
GRÁFICO 1: Relações Comerciais Brasil / França	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 DIPLOMACIA CULTURAL: O TERCEIRO PILAR	07
2.1 CULTURA	07
2.2 DIPLOMACIA CULTURAL	10
2.2.1 HARD POWER E SOFT POWER	14
2.3 DIPLOMACIA CULTURAL NO BRASIL E NA FRANÇA	16
3 O ANO DO BRASIL NA FRANÇA E O ANO DA FRANÇA NO BRASIL	19
3.1 BRÉSIL, BRÉSILS: O ANO DO BRASIL NA FRANÇA	19
3.2 FRANÇA.BR: O ANO DA FRANÇA NO BRASIL	25
4 BRASIL E FRANÇA: RELAÇÕES BILATERAIS	35
4.1 COMÉRCIO EXTERIOR	35
4.2 TURISMO	39
4.3 PARCEIRIA MILITAR	40
4.4 PARCEIRIA CLIMÁTICA	42
4.5 CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU	43
5. CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
Documentos Eletrônicos	48

1. INTRODUÇÃO

A diplomacia cultural é um pilar importante da política externa, que faz uso dos aspectos culturais de um país para alcançar objetivos mais concretos no contexto das relações internacionais. O estudo da diplomacia cultural no Brasil é um instrumento relevante para se analisar a colocação do país no cenário internacional. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é analisar dois eventos culturais – Ano do Brasil na França e Ano da França no Brasil – tendo como foco a utilização da cultura como fator relevante da política externa de um país, o que fortalece a diplomacia cultural.

No primeiro capítulo são estudados os principais conceitos necessários para se entender a diplomacia cultural e sua importância como instrumento da diplomacia tradicional. Destaca-se aqui o estudo dos conceitos de cultura; diplomacia cultural, vista como o terceiro pilar da política externa; Hard Power e Soft Power, que explicam com clareza as diferenças entre a diplomacia tradicional e a diplomacia cultural e a importância do exercício de cada uma para a política externa de um país; e como é utilizada a diplomacia cultural no Brasil e na França.

No segundo capítulo é feita a apresentação mais detalhada dos eventos culturais em estudo – o Ano do Brasil na França e o Ano da França no Brasil. Nesse capítulo são feitas considerações a respeito das atividades desenvolvidas em cada um dos eventos, gastos de cada país, apoio de cada governo, dentre outros detalhes relevantes. É importante destacar que nesse capítulo o estudo feito revela a diplomacia cultural de forma mais concreta, ou seja, a real aplicação de seus conceitos.

No terceiro capítulo o estudo é focado nas relações bilaterais entre Brasil e França, desde 2005 até 2009, vistas como consequências dos eventos culturais realizados pelos dois países. São apresentados dados oficiais de comércio exterior e turismo e de outros aspectos políticos que uniram Brasil e França no melhor momento de suas relações bilaterais.

2. DIPLOMACIA CULTURAL: O TERCEIRO PILAR

“O poderio militar ou econômico de uma nação tende a intimidar, a cultura seduz”. (Edgard Telles Ribeiro, 1989, p. 26)

A cultura é ainda um componente incipiente nas agendas dos países em desenvolvimento. Questões econômicas, comerciais, políticas, e agora climáticas, dominam as discussões nesse grupo de Estados que tenta se posicionar diante dos grandes no cenário global. Em decorrência disso, há prevalência do uso da diplomacia tradicional. O Brasil se encaixa nesse perfil, apesar de vir consolidando sua posição de destaque, reconhecida por nomes importantes da cena internacional, como os presidentes Barack Obama e Nicolas Sarkozy. Nesse sentido, as opções brasileiras por agendas mais clássicas vêm cedendo espaço para abordagens menos óbvias, como a valorização da cultura como componente relevante do posicionamento do país no cenário internacional, e como norteadora da diplomacia brasileira.

2.1 CULTURA

Para que se possa tratar do estudo da diplomacia cultural com coerência é necessário, antes de qualquer coisa, entender o que é cultura. É relevante destacar que nenhuma ciência conseguiu ainda produzir uma definição clara e completamente aceita do que seja cultura. A começar pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO, essa organização reconhece a cultura como veículo de identidades, valores e significados, sendo um dos órgãos que defende com maior afinco a diversidade cultural (www.unesco.org, acesso em 31 de janeiro de 2010). Além disso, alguns autores percebem a cultura de maneiras distintas, sem que uma seja melhor ou mais correta que a outra. Segundo Santos (1994), existem duas concepções de cultura, e uma delas está relacionada a tudo o que diz respeito à existência social de um povo ou nação. Outra, tem referência em ideias, conhecimentos e crenças, e a maneira que isso se insere nas sociedades. Para esse autor, cultura é uma construção histórica, o que significa que ela é um produto coletivo da vida humana, uma dimensão do processo social utilizada como um instrumento para compreender as sociedades contemporâneas.

Já Arantes (1987), desenvolve o tema “cultura” com ênfase nas manifestações populares, discutindo, principalmente, o peso da cultura popular - que é sempre colocada em contraposição à cultura elitista, erudita, além da relação feita entre a cultura popular e as tradições nacionais. O autor questiona a desvalorização da cultura popular – crenças, culinária, festas, danças – quando comparada à de elite, entendida como comportamentos refinados, civilizados e eficientes. É como se a cultura popular fosse vazia de conhecimento, o qual seria encontrado apenas na cultura de elite. Quanto à tradição, o autor discute os aspectos de imutabilidade que o tradicional exige, afirmando ser possível a manutenção das tradições sem que a cultura fique exclusivamente presa ao passado. Nesse sentido, ambos os autores supracitados concordam que a cultura faz parte de uma realidade em que a mudança é um aspecto fundamental.

O ponto de vista de Ribeiro (1989, p. 19), por sua vez, perpassa pelo entendimento mais genuíno que a antropologia tem da cultura: “soma de hábitos, costumes e realizações de um indivíduo, uma comunidade, um povo, ao longo de sua história”. Para o autor, o fator histórico é extremamente relevante, já que o legado de um povo, o que vai marcar sua história, manifesta-se fortemente por meio da cultura. Por outro lado, Campos (2007) baseia seus estudos na construção institucional da cultura, voltada para a área artística (música, dança, teatro, cinema, artes plásticas, fotografia, etc.) e para as referências de memória e patrimônio (museus, conjuntos arquitetônicos, festas populares, etc.). Apesar de a autora entender a complexidade e a abrangência da cultura, e inclusive concordar com o fato de que há inúmeras maneiras de entendê-la e manifestá-la, seu foco são as manifestações mais concretas, palpáveis.

Os inúmeros entendimentos sobre o que seja cultura são condizentes com a própria diversidade que se percebe dentro desse tema. Contudo, essas diversidades apresentam pontos concordantes, principalmente quando se trata dos aspectos de poder que envolvem a cultura. Segundo Santos (1994, p.13), no século XIX a Europa Ocidental era vista como o modelo de civilização, cujas referências de cultura deveriam ser seguidas. Esse modelo era considerado superior às outras manifestações culturais de outras partes do mundo e, inevitavelmente, defendia-se uma escala hierarquizada de culturas, propondo-se uma evolução linear, que sugeria que todos os países deveriam passar pelo mesmo processo de evolução e desenvolvimento para alcançar o status cultural europeu. Ao longo dos anos, essas concepções de evolução linear foram

atacadas com a ideia de que “cada cultura tem sua própria verdade e que a classificação dessas culturas em escalas hierarquizadas era impossível, dada a multiplicidade de critérios culturais” (SANTOS, 1994, p.14). Entende-se dessa hierarquização a tentativa de dominar e controlar as manifestações culturais, tanto pela necessidade de deter e manipular conhecimentos, quanto pela necessidade de dominação política. Esse jogo de poder, tão fundamental às relações internacionais, foi se sofisticando cada vez mais, à medida que os preconceitos de raças, sexo, religião deixaram de ser o foco. Atualmente, os preconceitos, a liberdade de manifestações, e até a velocidade com que essas manifestações são difundidas, esbarram, principalmente, nas diferenças de classes sociais.

Tomando-se o caso brasileiro como exemplo, é notável que as classes mais pobres da sociedade são as mais prejudicadas pela falta de investimentos na cultura. As ideias de Furtado (1984, p.31) corroboram esse pensamento. Segundo o autor, a cultura brasileira seria uma consequência do choque cultural protagonizado por índios e europeus. E desde que esses povos começaram a se relacionar no Brasil, houve uma divisão entre o que era cultura popular e o que era cultura de elites. Trazendo essa divisão para os dias atuais, pode-se considerar que o choque cultural está extremamente vinculado à colocação do indivíduo na sociedade. Furtado coloca que é a cultura popular, vulgarmente atribuída apenas às classes mais pobres da sociedade, aquela que cria as raízes e determina a imagem cultural do país, justamente pelo seu afastamento das elites. Essas demonstrações culturais são genuínas, não usam modelos europeus ou norte-americanos como fonte. Entretanto, no contexto da estratificação social brasileira, há uma classe média, que tanto internaliza a cultura popular, quanto anseia pela cultura de elite. Nesse sentido, os paradoxos se aproximam, concretizando o cenário cultural brasileiro como rico em contradições e choques de cultura.

Nesse ensejo, para atender, principalmente, às demandas das classes médias - e aqui se deve considerar não só o cenário brasileiro - a cultura foi transformada em produto, seja para a exploração do turismo, seja para basear o marketing cultural de empresas. Muitas vezes é possível perceber que ocorre certa banalização, que acarreta a massificação da cultura, já que cada Estado tenta seguir uma fórmula para que seu produto seja vendável. No Brasil, a Lei Rouanet (no. 8.313, de 23 de dezembro de 1991) foi grande incentivo para a “negociação” da cultura, já que por meio dela as empresas e investidores obteriam incentivos fiscais em troca de realizarem

investimentos na cultura. Com alguns pontos positivos e outros negativos, o fato é que a lei criou meios para que a cultura fosse comercializada como mercadoria. Esse cenário é extremamente rentável para o país, mas as raízes e manifestações culturais ficam prejudicadas por terem que se adequar aos modelos comercializáveis.

Diante de tantas considerações em relação à cultura, torna-se claro que as preocupações com o cenário cultural são institucionalizadas, são intrínsecas à própria organização social. E isso se dá, principalmente, por conta do grande valor antropológico e poder representativo que a cultura tem dentro e fora das fronteiras de um país. Por esse motivo, é justificável que a cultura esteja em pauta nos assuntos que envolvam a diplomacia brasileira, e que seja, inclusive, norteadora de alguns posicionamentos do país no cenário internacional.

2.2 DIPLOMACIA CULTURAL

Após as reflexões sobre as diversidades que envolvem a cultura, entender o significado de diplomacia é o próximo passo para que se avance no estudo da diplomacia cultural. Segundo o Instituto Rio Branco (www.mre.gov.br/instituto, acesso em 31 de janeiro de 2010), o papel da diplomacia é “defender os interesses do Brasil no exterior e contribuir para o entendimento entre os países”. Para isso, são usados mecanismos tanto da diplomacia tradicional quanto da diplomacia cultural. A diplomacia tradicional está diretamente relacionada a assuntos que envolvem a própria construção da política externa do país: questões políticas, econômicas, de comércio exterior, guerras e conflitos. Essas questões podem envolver outros governos estrangeiros, e, portanto, serão tratadas na dimensão bilateral da diplomacia, ou podem envolver organismos internacionais, logo, serão tratadas na dimensão multilateral. Já a diplomacia cultural, ainda segundo o próprio Instituto Rio Branco, tem por função auxiliar a divulgação, no exterior, da cultura do país, além de se ocupar do relacionamento de um Estado com as instituições multilaterais de natureza cultural.

O termo diplomacia cultural foi criado por Willy Brand, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha, em 1966. Para ele, que considerou a diplomacia cultural como parte das relações internacionais, a política externa das nações era composta por três pilares fundamentais: política, comércio e diplomacia cultural. O

ministro considerava de extrema relevância a valorização das temáticas culturais, atribuindo a elas o papel de realizar a ligação entre as nações e de otimizar o relacionamento entre elas (SOARES, 2008). Corroborando essas ideias, há uma percepção no sentido de que boa parte dos conflitos internacionais decorre de desentendimentos com fundamentações culturais, o que fortalece o papel da diplomacia cultural como meio de aproximação entre os povos e de redução de áreas de desconfiança.

Diante da importância dos aspectos culturais no contexto da política externa de um país, alguns autores apresentam considerações pertinentes em relação à diplomacia cultural. Ribeiro (1989, p.22) estabelece uma distinção entre os entendimentos tênues de “relação cultural internacional” e “diplomacia cultural”. Para o autor, as relações culturais internacionais têm seu foco na compreensão e aproximação entre os povos. Já a diplomacia cultural utiliza as relações culturais para alcançar objetivos nacionais tanto de natureza cultural, quanto de natureza política, comercial, econômica, dentre outras. Ou seja, a cultura não é o principal resultado almejado, mas o meio para se alcançar outros objetivos relevantes aos Estados. Nesse sentido, consolida-se o entendimento de que a cultura, como pilar da política externa de um país, alcança objetivos que vão além dos culturais, já que facilita, por via indireta, a consecução de quaisquer objetivos a que se proponha a política externa de um país. Mitchell (1986, p.181) é o pioneiro desse posicionamento, pois é ele que desenvolve a ideia de que a cultura pode ser usada para alcançar objetivos diversos. O autor entende que se pode fazer uso da cultura como “instrumento da paz”, como “suporte para a diplomacia convencional”, como “veículo para o entendimento internacional”, como “lubrificante para o comércio”.

O entendimento de Mitchell (1986, p.181) em relação ao uso da cultura na diplomacia é bem claro e coerente com os resultados efetivos do alcance da diplomacia cultural. O uso da cultura como meio para se alcançar a paz reflete a importância do instrumento cultural para estabelecer uma atmosfera favorável ao entendimento entre os povos. Isso se dá porque, na medida em que o intercâmbio cultural possibilita troca de experiências entre os povos, em geral reforça sentimentos pacíficos em razão do entendimento da ideia de universalidade do patrimônio cultural. Quando a cultura é usada como suporte para a diplomacia convencional, é sinalizado um plano mais objetivo da diplomacia cultural. Essa objetividade, contudo, não se confunde com imediatismo, já que a premissa básica da diplomacia cultural é que quanto menos

óbvios são seus objetivos, melhores as perspectivas de uma política cultural, ou seja, os resultados não se alcançam em curto ou médio prazo, nem são fáceis de serem mensurados. A cultura usada como veículo para o entendimento internacional segue o mesmo raciocínio anterior. A cultura é capaz de agregar, uma vez que dispensa o uso da força ou de qualquer meio coercitivo. Os aspectos culturais de um Estado são diferentes dos de outros, e o entendimento dessas diferenças gera o respeito, que tem como consequência o entendimento entre os países. Em relação ao comércio, o autor defende que a comercialização de um produto é fortalecida quando este é inserido no contexto cultural a que pertence, ou seja, é mais fácil confiar na qualidade de um produto e aceitá-lo quando se sabe de sua procedência cultural, apesar de ser difícil mensurar essa relação.

Reforçando as ideias de Mitchell (1986), um ponto bastante debatido pelos autores é a visão de que a diplomacia cultural de um país faz parte de um processo de construção de imagem de longo prazo. O próprio desenvolvimento cultural de um povo apenas se consolida com o tempo, já que as mudanças advindas da própria passagem temporal dão margem a novas perspectivas e ideias sobre um mesmo tema. Nesse sentido, diante de investimentos feitos por um país em cultura, a diplomacia cultural não deve visar os prováveis resultados culturais, econômicos ou políticos de curto prazo, nem o retorno aos investimentos realizados. O grande desafio desse modelo diplomático pouco usual é tentar construir imagens positivas e atraentes dos países, imagens essas capazes de articular de forma consistente e moderna os capitais culturais e os projetos de desenvolvimento e de cooperação de cada país (SOARES, 2008). Segundo Ribeiro (1989, p.25), as melhores perspectivas de uma política cultural são mais bem percebidas quando os objetivos a serem alcançados são menos visíveis, o que inviabilizaria a alcance imediato de resultados. Para o autor, os resultados imediatistas quase sempre condenam os programas culturais ao fracasso.

Discute-se ainda, a importância de se consolidar e divulgar a diplomacia cultural internamente para que, em seguida, ela possa ser colocada a serviço dos interesses externos do Estado. Para Ribeiro (1989, p.87), “existe um vínculo necessariamente profundo entre a política cultural externa de um país e sua realidade cultural interna”. Os benefícios encontrados em uma política cultural são inúmeros, o que faz dela parte crucial no processo de desenvolvimento de um país. Uma boa política voltada para a cultura deve ser capaz de reconhecer a diversidade cultural de um país afim de que se

desenvolva a noção de respeito do povo por sua própria cultura. Um Estado só tende a se fortalecer se projetar seus valores com firmeza, mas para isso seu povo precisa conhecê-los e respeitá-los. Nesse sentido, o orgulho que um povo demonstra da sua cultura é refletido na difusão dessa cultura para além das fronteiras do país. Isso implica em uma imagem forte, coerente e atrativa, que chama a atenção de outros países, aguçando a vontade deles de estabelecer não só relações culturais com outros Estados, mas relações políticas, comerciais, econômicas, técnicas. E é nesse cenário que a diplomacia cultural colhe os frutos de sua atuação, reforçando assim que é a cultura que confere sentido mais amplo aos objetivos externos do país, assegurando a eles credibilidade e permanência. O caso brasileiro é exemplar para que se entenda a baixa prioridade atribuída às políticas culturais internas, já que somente há bem pouco tempo os aspectos culturais passaram a ser associados ao próprio desenvolvimento do país. Nesse ponto, é inevitável a associação da baixa escolaridade do brasileiro com o descaso que esse povo tem em relação a sua própria cultura. Sendo assim, a difusão da cultura brasileira no cenário internacional é também recente, refletindo a atuação da diplomacia cultural do país.

Diante dessas questões, o universo da diplomacia cultural poderia abranger os seguintes temas ou ideias, dentre outros: intercâmbio de pessoas; promoção da arte e dos artistas; ensino da língua, como veículo de valores; distribuição integrada de material de divulgação; apoio a projetos de cooperação intelectual e de cooperação técnica; integração e mutualidade na programação (RIBEIRO, 1989, p.21). Sendo assim, é notável a relevância da diplomacia cultural para a política externa de um país. Seu uso nos países desenvolvidos é mais concreto e faz parte dos pilares diplomáticos de maneira geral. Basta ver os exemplos de França, país pioneiro no uso da diplomacia cultural, e Estados Unidos, cuja cultura de massa determina os fluxos culturais do resto do mundo. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a diplomacia cultural ainda é pouco explorada, muito por conta dos próprios programas culturais internos que os governos desenvolvem, ou não. Entretanto, pode-se considerar que há, gradativamente, um aumento na percepção que os países em desenvolvimento têm do enorme poder que a cultura exerce no cenário internacional. Esses países, que ainda não adotaram a diplomacia cultural de forma maciça, passaram a considerar de maneira concreta que o uso da diplomacia cultural, como bem coloca Mitchell (1986), ultrapassa as fronteiras da cultura. E no contexto diplomático, essas novas visões são o indicativo de que a

diplomacia tradicional deverá abarcar a cultura de maneira pragmática, como forma concreta e efetiva de poder.

2.2.1 HARD POWER E SOFT POWER

Como já foi colocado, existem diferenças entre a diplomacia tradicional e a cultural. Enquanto uma lida principalmente com questões políticas, econômicas e de defesa, a outra faz uso da cultura e políticas governamentais para atingir os objetivos mais diversos traçados pela política externa, sejam eles políticos, econômicos ou de defesa. As teorias do Hard Power e Soft Power são, portanto, compatíveis com essas diferenças de atuações diplomáticas.

Uma das principais características da diplomacia tradicional está ligada ao ponto de vista realista, em que o uso da força é essencial para assegurar as aspirações de um Estado. A teoria realista das relações internacionais se aproxima muito da ideia de Hard Power, já que esse conceito, tomando-se o ponto de vista tradicional, é entendido como um poder alcançado por meio da força bruta, que é imposta afim de que se atinjam objetivos determinados. Um dos principais autores que tratam das diferenças entre Hard Power e Soft Power, Joseph Nye, classifica o Hard Power em duas modalidades: militar e econômica. Para ele, ambas as modalidades fazem uso de mecanismos como coerção, indução, intimidação e proteção para alcançarem seus objetivos, além de aplicarem sanções, ameaças e punições (FERREIRA, [2005], p.2).

Tendo em vista o conceito de Hard Power, pode-se inferir o conceito de Soft Power. Este poder, mais ligado às dimensões da atração e persuasão, diferencia-se do Hard Power por uma característica determinante: o Hard Power envolve ações diretas; o Soft Power envolve ações indiretas. Por essa razão, a diplomacia cultural, considerada um exercício de poder nos moldes do Soft Power, é vista como um meio para se atingir objetivos da diplomacia tradicional, indiretamente. Apesar de voltar o foco de seus estudos para os Estados Unidos, Nye (2004) é um dos principais teóricos que tratam sobre o Soft Power. Joseph Nye, citado por Ferreira ([2005], p.3) entende o Soft Power como proveniente, principalmente, da atratividade da cultura de uma nação, seus ideários políticos e suas políticas públicas, fatores esses capazes de cooptar as pessoas, ao invés de coagi-las. Segundo Nye, um país é capaz de obter os resultados que deseja

em sua política externa muito por conta da admiração de outros países por ele, que será imitado e acompanhado por seus Estados admiradores.

No contexto das relações internacionais, os teóricos não descartam a possibilidade e eventual necessidade do uso da força em inúmeras situações. Para Ferreira, para que um Estado tenha peso no cenário internacional, ele deve fazer uso do Smart Power, o que significa que Soft Power e Hard Power devem estar em equilíbrio. Entretanto, há algum tempo já se percebeu como a preferência pelo Soft Power é benéfica para o sistema como um todo. Para Nye (2004, p.2), Soft Power é, antes de tudo, um poder de atração, e não meramente um exercício de influência, persuasão e habilidade de convencer por meio de argumentos. Nesses casos, todos esses argumentos também podem ser exercidos no uso do Hard Power, ainda que de forma distinta. A atração, portanto, deve-se dar por meio da difusão de valores e aspectos culturais, que serão inspiradores de outros Estados e gerarão a ideia de liderança. Essa liderança passa, então, a ser essencial para a manutenção do status de um país no cenário internacional, porque para um líder é mais fácil convencer os outros de que suas ideias, valores e posicionamentos são os melhores. Essa articulação ganha corpo principalmente pelo fato de que o uso do Soft Power é extremamente dependente daqueles governos e Estados que são influenciados, já que deles parte a aceitação e a vontade de seguir, ou não, o Estado influenciador. Os benefícios do uso do Soft Power são, portanto, criar, por meio da difusão de valores e aspectos culturais, a ideia de liderança, que deverá ser consolidada pela atração exercida por um país, sem que haja necessidade do uso de meios coercitivos.

Nesse sentido, pode-se associar a Diplomacia Cultural ao Soft Power. A difusão da cultura de um país e o uso que se faz dela no cenário internacional é um caminho permeado pelo Soft Power e que leva ao alcance de questões primordiais na política externa, que visa, invariavelmente, a boa colocação de um país no contexto internacional. O atingimento desses objetivos está intimamente ligado ao compartilhamento de informação, pois no mundo de hoje, informação é poder. A diplomacia cultural faz isso muito bem, já que é capaz de multiplicar canais de comunicação que ajudam no enquadramento e solução de problemas, sejam eles relativos à cultura, sejam eles relativos a pontos da diplomacia tradicional; é capaz de privilegiar normas globais por meio de aspectos culturais; e, principalmente, é capaz de reforçar a credibilidade e o prestígio de um país, amparada por valores e políticas culturais (NYE, 2004, p.3). Diante disso, pode-se perceber que a natureza do poder está em processo de mudança, e a importância da diplomacia cultural é prova disso. Segundo

Nye, citado por Opelz (2004, p.1), essa transformação vem ocorrendo em relação à capacidade de um Estado em mudar o que os outros fazem (Hard Power), que vem sendo acompanhada pela capacidade que um Estado tem de modelar o que os outros querem, por meio de valores, cultura, ideologias e instituições (Soft Power). A diplomacia brasileira, pelo que se pode perceber, está em sintonia com essas mudanças e vem fazendo uso da cultura para alcançar objetivos maiores.

2.3 DIPLOMACIA CULTURAL NA FRANÇA E NO BRASIL

Apesar da novidade que é para o Brasil a exploração da cultura como recurso diplomático efetivo, países desenvolvidos há muito tempo fazem uso da emergência cultural para embasar suas atuações diplomáticas em âmbito político, comercial, econômico, apenas para citar alguns. As atuações diplomáticas desses países conseguem fazer com que a cultura reflita seus aspectos positivos no posicionamento internacional dos países, facilitando negociações, circulação de ideias e produtos, e consolidação de alianças. Nesse cenário, um país se destaca por sua intensa e bem pensada difusão cultural: a França.

Historicamente, a França é um país pioneiro em usar a cultura como fonte para sua política externa. Desde 1909, com a criação da Oficina de Escolas e Obras Francesas pelo ministério de Negócios Estrangeiros da França, o país vem coordenando sua ação cultural no exterior (SOARES, 2008). A começar pela difusão da língua francesa, que é falada em mais de sessenta Estados (www.academie-francaise.fr, acesso em 17 de janeiro de 2010), o país é um dos recordistas em número de liceus, centros e institutos culturais pelo mundo. Isso porque a defesa e expansão da língua sempre foram vistas como um dos principais objetivos da política externa francesa (RIBEIRO, 1989, p. 54), reforçados pelos intercâmbios estudantis. Além disso, outros aspectos culturais são bem explorados pelo governo francês, tais como a educação, pela Edufrance; o cinema, pela Unifrance e Intermedia; rádio, por meio da Radio France Internationale (RFI); artes audiovisuais, por meio do Instituto Nacional do Audiovisual; sem contar as promoções com intuítos turísticos, que fazem de Paris uma das cidades mais visitadas do mundo. Os esforços de defesa e difusão cultural da França mobilizam setores de educação, turismo, cultura e relações internacionais, tanto públicos quanto privados, em

razão da percepção de que uma imagem cultural forte, como é a francesa, pode ter como consequência melhor colocação e afirmação do país no cenário mundial.

Diante da primazia da exploração cultural francesa, o Brasil ainda pode ser considerado espectador dos bons resultados colhidos pela França, que trabalha de forma maciça em sua difusão cultural. Como país em desenvolvimento, o Brasil enfrenta uma série de problemas básicos que comprometem seu crescimento, e de certa forma sua imagem no cenário internacional: sistema de saúde pública precário, educação negligente e com altos índices de analfabetismo, criminalidade elevada, corrupção, dentre outros assuntos cruciais para o país. Nesse sentido, parece antagônico que o governo brasileiro opte por investir em cultura diante de tantas “prioridades” e mazelas, que requerem orçamentos milionários e resultados imediatos. Esse é certamente um gargalo dos investimentos brasileiros em cultura, tanto no âmbito interno, quanto no externo. Como consequência, as ações culturais sempre foram mal planejadas, além de sofrerem com a falta de coordenação dos órgãos do governo, que não visavam à continuidade dos programas culturais, dentro e fora do Brasil. Contudo, a partir da década de 1970, algumas mudanças começaram a ser esboçadas, tais como a maior valorização do cinema nacional, e consolidação da bossa nova como o estilo de música brasileiro mais presente no exterior (RIBEIRO, 1989, p. 72). Na década seguinte, o governo brasileiro fortalece essas mudanças com a instituição do Ministério da Cultura, em 1985. A partir disso, a cultura passou a ser discutida com mais seriedade no país, apesar de ainda não ter alcançado o patamar ideal de investimentos e divulgação.

No processo de fazer do Brasil um país onde a cultura tem peso relevante no cenário político, econômico e internacional, alguns erros foram cometidos, tais como insistir na imagem do samba, futebol e carnaval, como se mais nada pudesse ser oferecido pelo país. É claro que essas referências não podem ser desprezadas, mas a limitação da imagem do Brasil a elas dificultou a difusão de outros aspectos da cultura brasileira, tais como as artes e a própria língua portuguesa. Entretanto, ao longo dos anos, e, sobretudo, mais recentemente, a cultura brasileira passou a ser vista como patrimônio pelos próprios brasileiros, o que ajudou a fortalecer a difusão cultural do país para além de suas fronteiras. Além disso, entendeu-se a ideia de que investimentos em cultura são um bom caminho para inserção internacional do país, apesar de darem resultados em longo prazo.

Um dos exemplos dos passos mais recentes do Brasil rumo à consolidação da difusão cultural é sua aproximação da França. Desde 1995, os governos brasileiro e francês vêm buscando estabelecer uma cooperação política mais sólida, que foi se concretizando com visitas periódicas dos seus chefes de Estado, chanceleres e ministros ao país parceiro. O presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso foi à França em maio de 1996; o presidente francês Jacques Chirac retribuiu a visita em março de 1997; os dois se reencontraram em novembro de 1997 na Guiana Francesa e em junho de 1999 na Cúpula do Rio de Janeiro; o presidente Cardoso voltou à França em outubro de 2001 e sua política foi mantida pelo presidente Lula, que foi a Paris em janeiro de 2003; os presidentes Lula e Chirac se reencontraram na 58^a e 59^a Assembléia Geral das Nações Unidas em setembro de 2003 e 2004, e na Cúpula de Guadalajara em maio de 2004; Lula voltou à França em julho de 2005, “Ano do Brasil na França”; o novo presidente francês Nicolas Sarkozy e o presidente Lula se encontraram em fevereiro de 2008, na Guiana Francesa e consolidaram interesses comuns em uma relação bilateral com algumas vindas do presidente Sarkozy ao Brasil em 2009, “Ano da França no Brasil” (www.diplomatie.gouv.fr, acesso em 14 de novembro de 2009).

O fortalecimento da relação Brasil-França se deu em grande medida pelo calendário cultural dos dois países. De março a dezembro de 2005, em cumprimento às *Saisons Culturelles Étrangères en France*, projeto do governo francês que homenageia um país diferente a cada ano, o Brasil foi o centro das atenções (www.bresilbresils.org, acesso em 12 de novembro de 2009). O evento, que foi intitulado como “*Brasil, Brasis*”, foi focado na apresentação da cultura brasileira aos franceses e turistas em visita à França. Diferentes manifestações como as de música, dança, artes plásticas, literatura, teatro, gastronomia e cinema brasileiros foram organizadas em cidades como Paris, Nice, Toulouse, Marselha e Cannes. Em reciprocidade ao Ano do Brasil na França, de abril a novembro de 2009 o governo brasileiro organizou o Ano da França no Brasil – “*França.Br*”, homenagem que também incluiu mostras culturais francesas com o intuito de apresentar essa cultura aos brasileiros.

Diante disso, é notável que o uso da cultura como meio de se alcançar a consolidação de um país no cenário internacional é de extrema relevância, e vem sendo usada pelo Brasil na tentativa de expandir suas relações bilaterais com a França e se posicionar de maneira mais consolidada internacionalmente.

3. O ANO DO BRASIL NA FRANÇA E O ANO DA FRANÇA NO BRASIL

Brasil e França são atores de boas relações bilaterais. Nesse sentido, desde 2005, com as comemorações do “Ano do Brasil na França”, essas relações têm se tornado mais fortes e mais abrangentes, o que foi comprovado em 2009 com a realização do “Ano da França no Brasil”. Esses eventos fizeram parte do calendário cultural de ambos os países e tiveram como objetivo promover e disseminar sua cultura, tendo como consequência o estreitamento das relações bilaterais.

3.1 BRÉSIL, BRÉSILS: O ANO DO BRASIL NA FRANÇA

O ano do Brasil na França, maior manifestação cultural brasileira ocorrida no exterior, foi um evento com características culturais que aconteceu de março a dezembro de 2005 em diversas cidades da França. O evento foi anunciado em 2001, em ocasião da visita do primeiro ministro francês Lionel Jospin ao Brasil, e foi confirmado em janeiro de 2003, quando da visita do então ministro da cultura brasileiro Gilberto Gil à França.

“A temporada cultural brasileira é uma iniciativa do governo francês que acolhemos com prazer, não só para expor a identidade e a diversidade cultural do Brasil, mas, também, para apresentar nosso País como uma potência nos aspectos econômico, industrial, comercial, tecnológico e turístico. Acreditamos que novas parcerias entre empresas dos dois países poderão ser fechadas ou aprimoradas a partir desta iniciativa cultural”. “Brasil e França sempre tiveram afinidades e os dois países têm um relacionamento forte historicamente”. Ministro Gilberto Gil, janeiro de 2003. (Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura /Minc. In: www.wooz.org.br, acesso em 07 de março de 2010).

O Ano do Brasil na França foi idealizado por vários organizadores, de ambos os países, que se empenharam para o sucesso do evento. Os organizadores do evento no Brasil foram o Ministério da Cultura e o Ministério de Relações Exteriores. Na França, a organização do evento coube ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ministério da Cultura e da Comunicação e à Associação Francesa de Ação Artística (www.bresilbresis.org, acesso em 07 de fevereiro de 2010). Foi montada uma comissão mista e especializada, com componentes brasileiros e franceses, para analisar e selecionar as manifestações artísticas que fariam parte da programação do Ano do Brasil

na França. Os projetos selecionados compuseram o calendário oficial, mas nem todos foram financiados pelos governos de Brasil ou França. Os projetos não selecionados compuseram um evento paralelo, também com foco no Brasil, mas sem sua inclusão no calendário ou meios de comunicação oficiais do evento. Via de regra os projetos envolveram dois parceiros: um francês, que normalmente era um local – museu, teatro, centro de arte contemporânea, dentre outros - que ficava responsável pela divulgação e organização da apresentação, e um artista ou operador de empresa brasileira, que dividiam os custos da instalação. Nestes casos, o governo brasileiro, por meio do Ministério da Cultura ou o de Relações Exteriores ofereceu subsídios para a realização dos eventos, assim como algumas empresas brasileiras, como a Petrobras.

O Ano do Brasil na França, que reforça a atenção dada pelos franceses à cultura, fez parte do calendário tradicional francês - *Saisons Culturelles Étrangères en France* - que homenageia, desde 1985, um país diferente a cada ano. A dedicação que foi dada ao Brasil em 2005 propôs a apresentação da criatividade, diversidade e modernidade cultural do país, que por sua convivência pacífica e respeitosa diante da variedade de culturas, é visto mundialmente como exemplo de paz, apesar de todos os seus problemas internos de segurança (www.ccfb.com.br, acesso em 07 de fevereiro de 2010). O foco na cultura foi a maneira encontrada por ambos os países para despertar o interesse de franceses e turistas em visita à França pelo Brasil. Para o Brasil, em específico, foi uma maneira de se mostrar como uma entidade completa: econômica, política, industrial, turística, comercial, social, etc. (www.bresilbresis.org, acesso em 07 de fevereiro de 2010).

A diversidade cultural brasileira foi o ponto norteador de todo o evento, que apresentou em toda a França tanto o Brasil erudito quanto o popular. Manifestações como batucadas e capoeira foram mostradas juntamente com a música clássica e barroca. As raízes culturais africanas e europeias dividiram espaço com artistas contemporâneos. Além disso, também foram enfocadas questões sobre economia, tecnologia, ciências, proteção ambiental e transformação social que o Brasil enfrenta hoje. As mais de quatrocentas apresentações ocorreram em três fases distintas e com temáticas bem demarcadas: Raízes do Brasil, Verdade Tropical e Galáxias.

A primeira fase, Raízes do Brasil, homenageou o historiador e jornalista Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982), cuja obra, *Raízes do Brasil*, apresenta uma macro-

interpretação do processo de formação da sociedade brasileira, destacando, sobretudo, a importância do legado cultural da colonização portuguesa do Brasil, bem como as influências indígenas e africanas. Essa fase abriu o Ano do Brasil na França em março de 2005 em espaços importantes de Paris: no Grand Palais, edifício histórico que, frequentemente, recebe exposições em suas galerias, ocorreu a mostra *Le Brésil Indien*; no Dapper Musée, que é especializado em cultura africana e caribenha, aconteceu a exposição *Brésil, Héritage Africain* sobre as influências africanas na cultura brasileira; e na Cité de la Musique, que é um museu da música, foram realizadas exposições e concertos que promoveram uma investigação musical das raízes do Brasil baseada na Música Popular Brasileira.

Le Brésil Indien marcou a abertura oficial do Ano do Brasil na França de forma grandiosa, com a presença de autoridades do governo francês, do então ministro brasileiro Gilberto Gil, toda a imprensa francesa e brasileira, o filósofo e antropólogo Claude Lévi-Strauss, o ex-ministro Jack Lang, a ministra Carmen Calvo (da Espanha), Manoel Francisco Pires da Costa (da Fundação Bienal de São Paulo), várias personalidades da área cultural, além de grande número de visitantes (TURIBA, 20 de março de 2005. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 11 de fevereiro de 2010). Essa exposição tratou das fortes influências indígenas na cultura brasileira ao longo do tempo, desde antes da descoberta do Brasil até os dias atuais. Por meio de objetos como máscaras, ornamentos, cerâmicas, plantas, penas e plumas - antigos e recentes, fotografias, ambientes com sonorização, vídeos e documentos etnográficos foi mostrado um vasto panorama da cultura indígena no Brasil (WWW.bresilbresils.org, acesso em 11 de fevereiro de 2010). Segundo um dos curadores da mostra, o antropólogo Luís Donisete Benzi Grupioni, em entrevista à agência de notícias BBC Brasil em 23 de março de 2005, “o objetivo dessa exposição é mostrar a antiguidade da produção estética das sociedades que deram origem aos índios e mostrar também as produções contemporâneas” (FERNANDES, 23 de março de 2005. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 07 de março de 2010).

O enfoque das raízes africanas na cultura brasileira foi dado pela exposição *Brésil, Héritage Africain*, trabalho coletivo que teve tanto contribuições brasileiras quanto francesas. O objetivo da mostra foi o de tornar clara a relação entre as artes da África e as produções brasileiras, sem subestimar a influência do cristianismo sobre elas (WWW.bresilbresils.org, acesso em 11 de fevereiro de 2010). A exposição reuniu desde

a cultura africana até a cultura afro-brasileira, incluindo manifestações religiosas como candomblé, obras de arte sacra, figuras de santos negros e estátuas de Nossa Senhora do Rosário, protetora dos escravos. Além disso, foram apresentadas obras de artistas contemporâneas que incorporam diferentes graus de temas e símbolos do mundo africano.

Já os eventos musicais que ocorreram na Cité de La Musique evidenciaram a riqueza da música popular brasileira. A exposição *MPB: Musique Populaire Brésilienne* apresentou a união entre som e imagem, personificando a MPB e enfocando suas três raízes mais marcantes: baião, samba e choro (www.bresilbresils.org, acesso em 11 de fevereiro de 2010). A exposição deu especial destaque a duas épocas específicas da história brasileira – governo do presidente Juscelino Kubitschek e ditadura militar – para mostrar como a música é capaz de ser um impulso social, tornando-se porta-voz de uma sociedade. A exposição apresentou também o contemporâneo, o que os novos músicos têm feito para valorizar e recuperar a história da música brasileira. Esses novos músicos foram uma das atrações de concertos que também ocorreram na Cité de la Musique no contexto de Raízes do Brasil.

“Longe dos estereótipos exóticos do carnaval, do samba e de passistas seminuas, a Cité de la Musique, que participa das comemorações do Ano do Brasil na França, homenageia uma música “mestiça, fruto de encontros e de cruzamentos incessantes”. Dominique Dreyfus, curadora da exposição em 16 de março de 2005. (France Presse, 16 de março de 2005. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 07 de março de 2010).

A segunda fase do Ano do Brasil na França, Verdade Tropical, teve como inspirador livro homônimo, autobiográfico, do cantor brasileiro Caetano Veloso. Esse livro foi o ponto de partida para a reunião de algumas manifestações culturais brasileiras, principalmente aquelas ligadas ao tropicalismo, aos festivais de canção das décadas de 1960 e 1970 e à ditadura militar. Essa fase do Ano do Brasil na França, que aconteceu no verão francês, enfatizou a diversidade de manifestações culturais brasileiras, principalmente as manifestações de rua. Os eventos programados ocorreram, em sua grande maioria, nas ruas das cidades francesas, justamente para aproveitar as temperaturas agradáveis e os conceitos das manifestações em foco. Valorizaram-se as principais plataformas móveis da cultura brasileira, tais como carnavais, trios elétricos e

concertos ao ar livre, como os que ocorrem com frequências nos litorais do Brasil. *Samba Parade* foi um desses eventos que ocorreu em cinco regiões diferentes da França – passando por cidades como Paris e Toulouse - e apresentou, além de mais de mil músicos e dançarinos, exposições, oficinas, atividades esportivas, cursos para iniciação na gastronomia e cursos de percussão brasileira (www.brasilbresils.org, acesso em 11 de fevereiro de 2010). Em Cannes, no mês de julho, houve desfiles dos melhores trios elétricos de Salvador, Rio de Janeiro e Recife, que reuniram milhares de pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais do carnaval de rua do Brasil.

Além dos eventos ao ar livre, Verdade Tropical apresentou a primeira exposição individual de Tarsila do Amaral na França desde 1926, corroborando o caráter tropicalista, e nesse caso modernista, da segunda fase. A exposição *Tarsila do Amaral: o nascimento do modernismo no Brasil* reuniu mais de quarenta obras, entre pinturas, desenhos e documentos, provenientes tanto de coleções particulares quanto de instituições públicas. Essa exposição pretendeu mostrar os traços do modernismo brasileiro por meio das obras de uma das artistas mais importantes do país. A influência do trabalho da artista foi tão significativa que a exposição apresentou também obras de artistas franceses que conviveram com Tarsila nos anos 1920 (WWW.brasilcultura.com.br, acesso em 12 de fevereiro de 2010). Paulo Herkenhoff, curador da exposição e diretor do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, disse - em 19 de dezembro de 2005 - que

“a exposição mostra o momento de “explosão de uma artista”. Essa explosão, segundo ele, é dupla. “Ao mesmo tempo em que Tarsila incorpora as forças do modernismo vigentes naquele momento na Europa, como o primitivismo e o pós-cubismo, simultaneamente ela exerce o programa do modernismo brasileiro, que era a tradução do país em cor”, diz o curador. “A mostra tem uma temperatura francesa e é uma extraordinária ponte entre a cor em Paris naquele momento e o que se projetava como um Brasil moderno”. (FERNANDES, 19 de dezembro de 2005. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 07 de março de 2010).

A terceira fase do ano de homenagens foi denominada Galáxias, em referência ao livro do poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos. A temática central dessa terceira fase foi a explosão de desenvolvimento no Brasil nos últimos anos, colocando o país em destaque no cenário mundial, tanto cultural quanto economicamente. Esse “boom” foi ilustrado em cenas de dança contemporânea, teatro e artes visuais. *Bruno Beltrão* é um

dos eventos que compõe a fase Galáxias. As apresentações de dança contemporânea do grupo de Bruno ocorreram em diversos espetáculos diferentes ao longo de todo ano de 2005 em sua turnê pela França, tendo tido destaque o espetáculo Telesquat, apresentado em Paris. Enrique Diaz, diretor brasileiro, é outro nome de destaque nos eventos englobados na terceira fase do Ano do Brasil na França. Diaz levou a mais de dez cidades da França vários espetáculos dirigidos por ele. Foram apresentados *Não olhe agora*, do grupo Coletivo Improviso, composto por doze atores e bailarinos, *Ensaio.Hamlet* e *Melodrama*, ambos desenvolvidos e apresentados pelo grupo Cia. dos Atores. O artista plástico Ernesto Neto também teve suas obras apresentadas na França. Exponente da arte contemporânea brasileira, Ernesto Neto levou à França suas instalações inusitadas e marcadas pelo uso indiscriminado de todos os tipos de matéria prima – desde tecido até bolinha de chumbo - para mostrar aos franceses a qualidade e inventividade da arte contemporânea brasileira. Merepe, Marcos Reis Peixoto, outro artista plástico brasileiro, também foi enaltecido na França por suas obras, que envolvem o cotidiano brasileiro, principalmente baiano, seu estado natal, fazendo uso de materiais simples como papelão e isopor. Galáxias marcou a parte mais recente da evolução cultural do Brasil, que começou em Raízes do Brasil e passou por Verdades Tropicais. Essa fase apontou para o futuro e mostrou um Brasil contemporâneo, moderno e criativo.

Em dezembro de 2005, houve, em São Paulo, a cerimônia de encerramento do Ano do Brasil na França. Na ocasião foi apresentado, pelos organizadores, um relatório com os resultados numéricos mais significativos do Ano do Brasil na França. Segundo esse relatório, 161 cidades francesas receberam o Brasil em 436 eventos da programação oficial. Foram mais de 1.900 artistas brasileiros, entre músicos, dançarinos e atores, palestrantes e diretores de cinema. Ocorreram ao todo 224 exposições, 867 espetáculos de música e dança, 1.298 exibições audiovisuais, sendo 31 mostras de cinema com 429 exibições de filmes, além de 83 eventos de literatura e colóquios. O público total do evento foi de aproximadamente 15 milhões de visitantes (SIMÕES, 16 de dezembro de 2005. In: www.olhaonline.com.br, acesso em 14 de fevereiro de 2010).

"Mais de 15 milhões de pessoas envolvidas diretamente, num país com 60 milhões de habitantes, é uma proeza". Hoje podemos dizer que saiu barato".
Ministro Gilberto Gil, na cerimônia oficial de encerramento do Ano do Brasil

na França. (SIMÕES, 16 de dezembro de 2005. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 07 de março de 2010).

Nesse sentido, considerou-se positivo o balanço final do evento, já que os objetivos iniciais foram alcançados: divulgar a cultura brasileira na França e estreitar as relações entre os dois países. Isso significou, portanto, um passo importante para a consolidação da diplomacia cultural brasileira no sentido de que foi possível apresentar o Brasil de forma coesa para o país europeu, salientando, especialmente, seus aspectos culturais.

3.2 FRANÇA.BR: O ANO DA FRANÇA NO BRASIL

O Ano da França no Brasil, ocorrido entre abril e novembro 2009, foi um evento de cunho cultural que teve como tema principal a França, especialmente seus aspectos culturais. O evento foi a confirmação das boas relações entre os dois países, portanto houve esforços comuns para seu sucesso, tanto dos corpos diplomáticos quanto dos presidentes brasileiro e francês. Depois do Ano do Brasil na França, em 2005, os países estreitaram suas relações bilaterais de forma intensa, o que fez da França, em 2009, um dos principais parceiros do Brasil, tanto na área de comércio, quanto nas de tecnologia e política. Em reciprocidade às homenagens francesas ao Brasil em 2005, os brasileiros receberam, em 2009, a tradição e multiplicidade da cultura francesa. O “Ano do Brasil na França” e o “Ano da França no Brasil” foram eventos semelhantes, com foco na cultura e objetivos parecidos – divulgar a cultura e estreitar as relações entre os países. O embaixador da França no Brasil, Antoine Pouillieute, afirmou, em entrevista sobre o "Ano da França no Brasil", em 29 de maio de 2008, que

“o conjunto de eventos é político e estratégico, não é uma festa, mas uma iniciativa política dos presidentes para avançarmos no caminho do progresso”. (Folha de São Paulo, 29 de maio de 2008. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 13 de março).

A organização do Ano da França no Brasil foi conjunta entre os dois países e teve início em 2006, quando do acordo feito pelos presidentes Luis Inácio Lula da Silva

e Jacques Chirac. Desde então, as representações diplomáticas de ambos os países estão mobilizadas para o sucesso do evento. Pelo lado francês, o Ministério dos Assuntos Exteriores e Europeus foi o responsável pelo evento. A organização foi implementada pelo comissariado francês e pelo operador (Culturesfrance) delegado do Ministério dos Assuntos Exteriores e Europeus e do Ministério da Cultura e da Comunicação para os intercâmbios culturais internacionais. Os outros ministérios e operadores envolvidos na organização do evento fizeram parte de um comitê de direção, que se reuniu periodicamente sob a autoridade do Ministério dos Assuntos Exteriores e Europeus (www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 15 de fevereiro de 2010). Pelo lado brasileiro, as responsabilidades foram divididas entre o Ministério da Cultura e o Ministério de Relações Exteriores, que cuidaram da organização, divulgação e realização do evento.

A escolha dos projetos que compuseram a programação oficial do Ano da França no Brasil ocorreu por meio de um comitê misto de organização composto, pelo lado francês, de representantes designados pelos Ministérios dos Assuntos Exteriores e da Cultura e, pelo lado brasileiro, por representantes designados pelo governo brasileiro. O objetivo desse comitê foi o de assegurar a coerência da programação e dos compromissos orçamentários. Foram realizadas reuniões do comitê alternadamente na França e no Brasil para aprovar a programação, o plano de comunicação e o financiamento do evento como um todo. Os projetos selecionados pelo comitê misto para fazerem parte da programação oficial foram beneficiados pela campanha de comunicação e divulgação do evento, e, em alguns casos, por apoio financeiro (www.anodafrançanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 15 de fevereiro de 2010).

As despesas com financiamento para a concretização do evento foram divididas entre os dois países. A cargo da França ficaram os gastos com as missões preparatórias de seus especialistas, que ocorreram no Brasil; com as missões de acompanhamento dos projetos realizados; com as viagens ao Brasil das equipes de artistas que se apresentaram em eventos; com o transporte internacional das obras que foram exibidas em mostras e exposições; com os seguros totais para as exposições, desde a retirada da obra de seu suporte de origem até seu retorno; com eventuais liberações alfandegárias; com produção e empréstimos de obras. Couberam ao Brasil os ônus com as missões de preparação dos peritos e operadores das estruturas anfitriãs; com as viagens no Brasil; com pagamento dos cachês, diárias, hospedagem das equipes convidadas, produção dos

eventos, cenografia, montagem e desmontagem de exposições ou espetáculos, material audiovisual e serviços de segurança. As despesas, tanto francesas quanto brasileiras, foram, em sua maioria, pagas por patrocinadores e parceiros de ambos os países. No caso da França, que teve custo estimado em €15 milhões, em recursos do governo, das regiões e municípios franceses e de empresas privadas, os principais patrocinadores foram: as empresas Accor, Air France, Alstom, Areva, CNP Assurances, Câmara de Comércio Franca-Brasil, Dassault, DCNS, EADS, GDF Suez, Lafarge, PSA Peugeot-Citroën, Renault, Safran, Saint Gobain, Thales e Vallourec, que fazem parte de um Comitê de Patrocínio que apóia o Comissariado Francês. Já o Brasil teve custo estimado de R\$ 8 milhões para a concretização do evento e direcionou a captação de recursos para a Lei Federal de Incentivo à Cultura. Os principais patrocinadores dos custos brasileiros foram: BNDES, Petrobras, Eletrobras, Caixa Econômica Federal, Correios, Infraero, Bradesco, Oi, Pão de Açúcar, Fiat, Banco Fidis. Houve ainda parceria com o Sesc São Paulo e com o Centro Cultural Banco do Brasil (www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 15 de fevereiro de 2010).

O evento brasileiro em homenagem à França ocorreu nas principais cidades do país e foi composto por três eixos: a *França Hoje*, que enfocou a criação artística, inovação tecnológica, pesquisa científica, debate de idéias e o dinamismo econômico daquele país; a *França Diversa*, que apresentou a diversidade do *know-how*, diversidade regional e diversidade sócio-cultural; e a *França Aberta*, que foi direcionada para a busca de parcerias franco-brasileiras de um modo geral e, em particular, parcerias franco-brasileiras com outros países do mundo, principalmente na África, Caribe e América Latina (www.anodobrasilnafranca.cultura.gov.br, acesso em 15 de fevereiro de 2010). Vários temas foram abordados no evento, tais como: acadêmicos, arquitetura e urbanismo, artes visuais, científicos, ciências humanas e sociais, cinema, dança, design, moda, gastronomia, temas infantis, literatura, música clássica, música popular, patrimônio, teatro, dentre outros.

Foram chancelados aproximadamente 700 projetos para formar a programação oficial do evento. Alguns dos projetos apresentados tiveram mais destaque, como a abertura do Ano da França no Brasil, por exemplo, que ocorreu dia 21 de abril, data que celebra a Inconfidência Mineira, e seu marco foi o show pirotécnico *O encontro da Água e do Fogo* realizado pelo renomado Groupe F na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. Estiveram presentes nessa solenidade de abertura o ministro da cultura

brasileiro, Juca Ferreira, e a ministra da cultura da França, Christine Albanel, além dos presidentes dos Comissariados brasileiro e francês, Danilo Santos Miranda e Yves Saint-Geours, e outras autoridades de ambos os países. Em Ouro Preto, na tradicional festa em comemoração à Inconfidência Mineira, também houve homenagem à França, com a presença da banda francesa de fanfarra de Loos-en-Gohelle, da região Nord-Pas-de-Calais (www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 16 de fevereiro de 2010). Além disso, uma exposição intitulada *A Inconfidência Mineira no contexto da Revolução Francesa* movimentou o Museu da Inconfidência. A curadora da exposição, Margareth Monteiro, explicou que o objetivo é mostrar os ideais da Revolução Francesa e da Inconfidência Mineira, que ocorreram no mesmo ano (1789). Embora a queda da Bastilha tenha ocorrido três meses depois que os conspiradores mineiros já estavam presos, ela destacou os laços comuns de luta pela liberdade (WERNECK, 18 de abril de 2009. In: www.uai.com.br, acesso em 13 de março de 2010).

Mereceu destaque também a *Virada Cultural Francesa* em São Paulo, que ocorreu entre os dias 01 e 03 de maio de 2009. A Virada Cultural já é um evento tradicional da capital paulista, que reúne diversas manifestações em espaços culturais e até em praças, viadutos e ruas da cidade. Em 2009 a Virada destacou a cultura francesa, principalmente seus tradicionais teatros de rua. Dentre os espetáculos franceses da Virada Cultural estavam *Le Chant des Sirènes* do grupo Mécanique Vivante, que foram pequenos concertos apresentado na Praça do Patriarca, no centro de São Paulo; *La Confidence des Oiseaux de Passage*, do grupo Les Souffleurs Commandos Poétiques, que foi uma exibição itinerante, que percorreu várias ruas de São Paulo, em que uma instalação serviu de cenário para que atores recitassem poesias; *Instalação de Fogo* da Cie Carabosse mostrou instalações iluminadas pelas chamas do fogo e apresentações musicais entre as chamas em alguns pontos da cidade; *Alhambra Container* da Cia Osmosis foi um espetáculo de dança que aconteceu sob o Viaduto do Chá; *Expédition Paddock* do grupo Tango Sumo foi uma apresentação composta por coreografias e acrobacias que ocorreu no Vale do Anhangabaú; *Transports Exceptionnels* da Cia Beau Geste foi um duo coreográfico entre um bailarino e uma retroescavadeira, também no Vale do Anhangabaú; e finalmente a apresentação do percussionista africano radicado na França, e bailarinos convidados no espetáculo Guem, *Guem e Cia Abieie* no Anhangabaú. A Virada reuniu em 2009 mais de 4 milhões de pessoas e muitas delas

pueram assistir a mostras da multifacetada cultura francesa (www.viradacultural.org, acesso em 16 de fevereiro de 2010).

Entre os dias 23 de abril e 31 de maio de 2009, a cidade de Manaus prestou suas homenagens à França por meio de seu tradicional Festival Internacional de Ópera, evento que faz parte do calendário cultural oficial da cidade. Na edição 2009, o Festival foi dedicado inteiramente ao repertório francês em homenagem ao Ano da França no Brasil. *Sansão e Dalila* (produção espanhola), *Le Cid* de Massenet (F. Lombard) (produção brasileira); *Les Troyens* (produção brasileira) foram os espetáculos apresentados ao grande público no Teatro Amazonas. A apresentação da música erudita de forma mais popular foi a prova de que os Comissariados tiveram um cuidado para que as manifestações populares fossem espalhadas por todo o território nacional. O Festival manauense reuniu, em média, 30 mil espectadores que puderam conhecer mais sobre a cultura francesa.

Outro destaque do Ano da França no Brasil foi o Quinto Festival Mundial de Circo – Edição Ano da França no Brasil, que aconteceu em Belo Horizonte, em junho de 2009. Foram seis grupos circenses franceses e dez brasileiros, que levaram suas apresentações a ruas, praças e teatros da capital mineira. Segundo Fernanda Vidigal, coordenadora do Festival, no ano de 2009 o evento investiu no intercâmbio e na troca de experiências entre circenses franceses e brasileiros com a finalidade de resgatar, impulsionar e fomentar o circo. O ponto forte do Festival em 2009 foi a investigação da conexão do circo com a dança, teatro, música, literatura e tecnologia, investigação essa que se reflete nos espetáculos selecionados para o festival, tanto de grupos franceses quanto de brasileiros (www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 16 de fevereiro de 2010). Os organizadores do Festival foram enfáticos ao afirmar que de fato, a França é uma referência mundial no ensino e no desenvolvimento de estéticas e linguagens do circo, não se podendo, portanto, desconsiderar a produção circense francesa quando se pretende apresentar a riqueza da cultura da França: “hoje, não se fala e nem se faz circo contemporâneo sem recorrer à França”, constatou a coordenadora do festival mundial de circo (MAGIOLI, 19 de junho de 2009. In: www.uai.com.br, acesso em 13 de março de 2010). Dentre os seis espetáculos franceses apresentados em Belo Horizonte três foram destaque da programação: *20^o Premiere*, da escola superior Centre National des Arts du Cirque; *Passage Désemboîté*, da Cia. Les Apostrophés; *Hula Hoopla*, do circense Julot.

No mês de julho, em pleno Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, no interior de São Paulo, houve uma homenagem especial à França no Festival de Música Clássica. Os franceses marcaram sua presença no Festival com artistas locais, professores do Conservatório de Paris e de outras instituições que compuseram o núcleo pedagógico desse Festival. Uma das atrações mais marcantes do Festival em 2009 foi a apresentação do grupo Le Poème Harmonique, que, à luz de velas, mostrou a música barroca, executada com instrumentos de época para divulgar compositores desde o século 17 até a Idade Moderna. O Festival de Inverno de Campos do Jordão de 2009 comemorou não apenas os mais de cem anos de intercâmbio cultural entre Brasil e França, mas também permitiu intensificar e tornar efetiva uma nova fase, com vistas a estreitar ainda mais os laços de produção musical entre os dois países (www.festivalcamposdojordao.org.br, acesso em 13 de março de 2010).

“É muito bom estar no Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, neste dia de festa para os franceses. Receber esta homenagem do Festival é maravilhoso. Queremos fortalecer os laços entre a França e o Brasil, para construirmos juntos um mundo com paz e esperança”. Jean-Marc Gravier, cônsul geral da França, em 16 de julho de 2009, em ocasião da apresentação de professores do Conservatório de Paris no Festival de Inverno de Campos do Jordão. (www.festivalcamposdojordao.org.br, acesso em 13 de março de 2010).

“O Festival de Campos do Jordão oferece cultura e educação, é um exemplo em proposta de intercâmbio internacional. O Ano França no Brasil tem o desejo de melhorar a vida dos brasileiros e dos franceses”. Viva o Brasil, viva a França, viva o Ano França no Brasil! Danilo Santos de Miranda, presidente do Comitê Misto do Ano da França no Brasil, idem. (www.festivalcamposdojordao.org.br, acesso em 13 de março de 2010).

A música também foi o tema das homenagens da cidade de São Luis à França, em setembro de 2009. Um show de música francesa, africana e caribenha celebrou o aniversário da capital maranhense. Em Salvador, a inauguração do Centro de Música Negra no mês de novembro teve edição especial do festival francês *Músicas Mestiças* (www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 07 de março de 2010).

Um dos eventos mais emblemáticos do Ano da França no Brasil foi o desfile anual da Independência do Brasil, em 07 de setembro. O desfile, que comemora a data cívica mais importante do Brasil, ocorreu em Brasília, como de costume, e contou com a presença do presidente francês Nicolás Sarkozy, que cumpria agenda oficial de visitas

ao Brasil. Um dos pontos altos do desfile foi a apresentação da *Patrouille de France*, esquadrilha francesa de caças de demonstração aérea, que coloriu o céu de Brasília com as cores da bandeira francesa. Também participaram do evento a Banda da Marinha Francesa, o 1º Regimento de Infantaria da Guarda Republicana Francesa e o 3º Regimento de Infantaria da Legião Estrangeira. Houve ainda um espetáculo de iluminação dos prédios históricos da capital federal realizado pelo Estúdio Orta. (www.comunidadefb.com.br, acesso em 16 de fevereiro de 2010). A visita do presidente Sarkozy marcou também negociações comerciais e tecnológicas entre os dois países, fato que exemplifica de forma clara a relevância da diplomacia cultural para o país, já que os eventos culturais funcionaram como pano de fundo para acordos bilaterais e posições estratégicas dos dois países no cenário internacional. O presidente da França, Nicolas Sarkozy, assinou, na data da Independência do Brasil, acordos nas áreas de cooperação policial, questões migratórias, defesa, transportes e cooperação técnica, além de terem sido discutidas também assinaturas de acordos nas áreas de agricultura, transportes, tecnologias da informação e cooperação entre magistrados (Agência Brasil, 07 de setembro de 2009. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 13 de março de 2010).

“Pode ser que tenha gente que não queira essa boa parceria entre França e Brasil. Eu tenho certeza de que os franceses querem e tenho certeza de que o Brasil quer. Se nós dois quisermos, quem é que pode ser contra essa parceria extraordinária? Fazer investimento na área da defesa é a gente cuidar do nosso território e da nossa soberania com muito mais cuidado. Afinal de contas, deve sempre passar pela nossa cabeça a ideia de que o petróleo já foi motivo de guerras e conflitos. Nós não queremos guerras e conflitos”. Presidente Luis Inácio Lula da Silva (Bom Dia Brasil, 08 de setembro de 2009. In: www.g1.globo.com/bomdiabrasil, acesso em 13 de março de 2010).

Além de todas as apresentações culturais, foram chancelados mais de noventa eventos acadêmicos entre fóruns, simpósios e congressos. Os temas foram diversos, passando desde o desenvolvimento sustentável até assuntos que envolveram matemática, física e tecnologia. Os eventos acadêmicos buscaram discutir vários aspectos não só da *França Hoje*, mas também da *França Diversa*, mostrando sua vasta gama de conhecimentos e culturas. O enfoque acadêmico de alguns temas tem importância não apenas para a disseminação do conhecimento, mas também para promover intercâmbios entre pesquisadores da França e do Brasil (www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 07 de março de 2010).

O balanço final do Ano da França no Brasil, que foi apresentado dia 15 de novembro de 2009 em São Paulo, foi positivo para ambos os países. Segundo o próprio ministro da cultura brasileiro, Juca Ferreira, “o Ano da França foi um convite para pensar num desdobramento não mais na escala de ano, mas sim em parceria para todo o século XXI, consolidando o intercâmbio de cultura entre os dois países” (BRASIL TURIS, 15 de novembro de 2009. In: www.cultura.gov.br, acesso em 16 de fevereiro de 2010). Além disso, a experiência e boa repercussão do Ano da França no Brasil gerou inúmeras demandas de outros países em busca de parcerias semelhantes com o Brasil.

“Estamos em contato com vários países que nos procuraram nos últimos meses, inclusive com possibilidades de reciprocidade, como esse da França, com mais de 30 demandas. O Brasil já está convidado a participar em 2011 da Europalia, na Bélgica”. Juca Ferraira, ministro da Cultura. (Brasil Turis, 15 de novembro de 2009. In: www.cultura.gov.br, acesso em 16 de fevereiro de 2010).

O presidente do Comissariado Francês, Yves Saint-Gerous, também se manifestou favoravelmente ao prosseguimento da parceria Brasil – França. Já o presidente do Comissariado Brasileiro, Danilo Miranda, disse que o Ano cumpriu com o objetivo de promover uma aliança entre os dois países em prol do pluralismo. Segundo ele, o alcance do Ano foi de aproximadamente 50 milhões de brasileiros. Ocorreram atividades em mais de 80 cidades em quase todos os estados brasileiros, o que comprovou o caráter democrático do Ano. Foram apresentadas 560 ações entre os dias 21 de abril e 15 de novembro de 2009, com o envolvimento de 800 instituições dos dois países.

Quando comparado ao Ano do Brasil na França, realizado em 2005, pode-se dizer que o Ano da França no Brasil, que se esperava ser menor em quantidade de eventos e apresentações, superou as expectativas. O então ministro da cultura Gilberto Gil, acreditava que, em razão de as necessidades brasileiras serem maiores que as francesas em divulgar sua cultura no exterior, o evento em homenagem ao Brasil em 2005 seria maior que o evento de 2009, como mostra trecho de entrevista sobre o lançamento do ano da França no Brasil:

“São esperados um total de 400 a 500 ações no Ano da França no Brasil. Esse projetos têm dimensões menores que o Ano no Brasil na França, que teve 2,5 mil ações”. Gilberto Gil (DUARTE, 29 de maio de 2008. In: www.oglobo.globo.com, acesso em 14 de março de 2010).

Entretanto, enquanto em 2005 as manifestações somaram aproximadamente duas mil, em 2009 foram aproximadamente setecentas chanceladas e mil e quinhentas no total. Fica claro, portanto, que nem mesmo o comissariado que organizou o evento brasileiro em homenagem à França havia previsto o sucesso que o evento teria. Comparativamente, o quadro abaixo mostra os números dos principais eventos oficiais chancelados nos anos comemorativos de cada país. Diante do que já foi apresentado, os números desse quadro comprovam que o Ano da França no Brasil não foi tão menor que o Ano do Brasil na França, como imaginava o ministro Gilberto Gil.

	Ano do Brasil na França - 2005	Ano da França no Brasil - 2009
Acadêmicos	Não encontrado ¹	98
Arquitetura, Design e Moda	34	27
Arte de Rua / Arte de Circo / Dança / Teatro	38	64
Arte Moderna e Contemporânea	52	52
Artes Visuais	Outra categoria ²	25
Audiovisual	37	59
Fotografia	27	34
Literatura	14	39
Música	67	95

Quadro 1 – Comparativo: eventos oficiais chancelados.

Fontes: www.bresilbresils.org.br, acesso em 14 de março de 2010 e www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br, acesso em 14 de março de 2010. Elaboração própria do autor.

¹ A s informações que não foram encontradas não foram divulgadas pelas fontes.

² Essa manifestação já foi contabilizada nas categorias Arte Moderna e Contemporânea e Audiovisual.

Em cifras, o Ano da França no Brasil somou investimentos brasileiros que superaram as estimativas: R\$ 43 milhões de recursos da Lei Rouanet e R\$ 5 milhões do Fundo Nacional de cultura. Um montante de R\$ 5,8 milhões foi investido em comunicação, o que incluiu a divulgação do evento em diversas mídias. Da parte francesa, os recursos também excederam as estimativas iniciais: foram da ordem de 20 milhões de euros, sendo 10 milhões por financiamento direto - 6 milhões de entidades públicas e 4 milhões de empresas privadas - e a outra metade em investimentos de criação e produção dos eventos (INÁCIO, 15 de novembro de 2009. In: www.cultura.gov.br, acesso em 16 de fevereiro de 2010). Até a data de conclusão deste trabalho, o Ministério da Cultura não havia divulgado o relatório final oficial do evento, segundo informações da própria acessoria de imprensa do evento Entrelinhas Comunicações (informação verbal).

4. BRASIL E FRANÇA: RELAÇÕES BILATERAIS

É interessante notar como eventos com propostas culturais foram capazes de sinalizar resultados tão positivos para ambos os países em diversas áreas de interesse. O governo do presidente Lula, por exemplo, tem sido marcado pelas boas relações do Brasil com a França. As trocas comerciais, a cooperação militar e tecnológica e as parcerias políticas, apenas para citar alguns casos, são pontos fortes da atual política externa brasileira em relação à França.

4.1 COMÉRCIO EXTERIOR

Apesar de Brasil e França nunca terem sido os parceiros comerciais com maior volume de troca de produtos entre si, sua relação comercial vem melhorando. Desde 2005, Ano do Brasil na França, os dois países tiveram aumento gradativo em suas relações comerciais. Tanto as importações quanto as exportações, de modo geral, cresceram entre os dois países, que vêm solidificando suas trocas no cenário do comércio exterior. Segundo dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (WWW.mdic.gov.br, acesso em 18 de fevereiro de 2010), em 2004 a balança comercial brasileira em relação às suas transações com a França ficou negativa em aproximadamente 102 milhões de dólares³. O montante de exportação de produtos brasileiros para a França alcançou 2,27% do total de exportações do Brasil e a importação de produtos franceses representou 3,65% do total de importações brasileiras. Em 2005, Ano do Brasil na França, o déficit da balança comercial brasileira em relação à França aumentou – foi para 200 milhões de dólares – mas houve, contudo, significativo aumento do intercâmbio comercial entre os países, provavelmente influenciado pelo bom cenário econômico mundial e pelo evento francês em homenagem ao Brasil: a exportação de produtos brasileiros para a França aumentou 14,28%, representando 2,12% do total de exportações brasileiras. Já as importações feitas pelo Brasil de produtos franceses aumentaram 17,93%, representando 3,68% do total de importações realizadas pelo Brasil. Os principais produtos exportados pelo Brasil para a França no ano de 2005 foram resíduos da extração do óleo da soja, minérios e óleos brutos de petróleo. Os produtos franceses mais importados pelo Brasil

³ Todos os dados são em valores correntes.

no mesmo ano foram peças para aviões ou helicópteros, peças para tratores e veículos automóveis e peças e acessórios para carrocerias de veículos automóveis.

O ano de 2006, quando Brasil e França fecharam um acordo para que fosse realizado o Ano da França no Brasil em 2009, foi importante para as relações comerciais entre Brasil e França porque houve a manutenção das trocas comerciais entre esses países. As exportações brasileiras para a França aumentaram em 6,41% em relação ao ano de 2005, e as importações francesas para o Brasil aumentaram 5,07%, também em relação ao ano anterior. A balança comercial brasileira em relação ao comércio com o país francês ainda ficou negativa, mas o déficit, que era de aproximadamente 200 milhões de dólares, passou em 2006 para pouco mais de 174 milhões de dólares. Isso significa, como bem mostram os números, que as exportações de produtos brasileiros cresceu mais que as importações de produtos franceses, ou seja, os produtos brasileiros começaram a ter maior aceitação no mercado francês. Os principais produtos brasileiros exportados para a França se mantiveram os mesmos que em 2005 - resíduos da extração do óleo da soja, minérios e óleos brutos de petróleo. Já os produtos mais importados pelo Brasil, apesar de terem sido os mesmos de 2005, apresentaram diferenças quanto às quantidades: peças para aviões ou helicópteros continuaram representando os maiores montantes de compras, mas peças e acessórios para carrocerias de veículos automóveis tiveram um volume de importação maior que as peças para tratores e veículos automóveis. Em 2006 as exportações brasileiras para a França representaram 1,94% do total de exportações e 3,11% do total de importações feitas pelo Brasil.

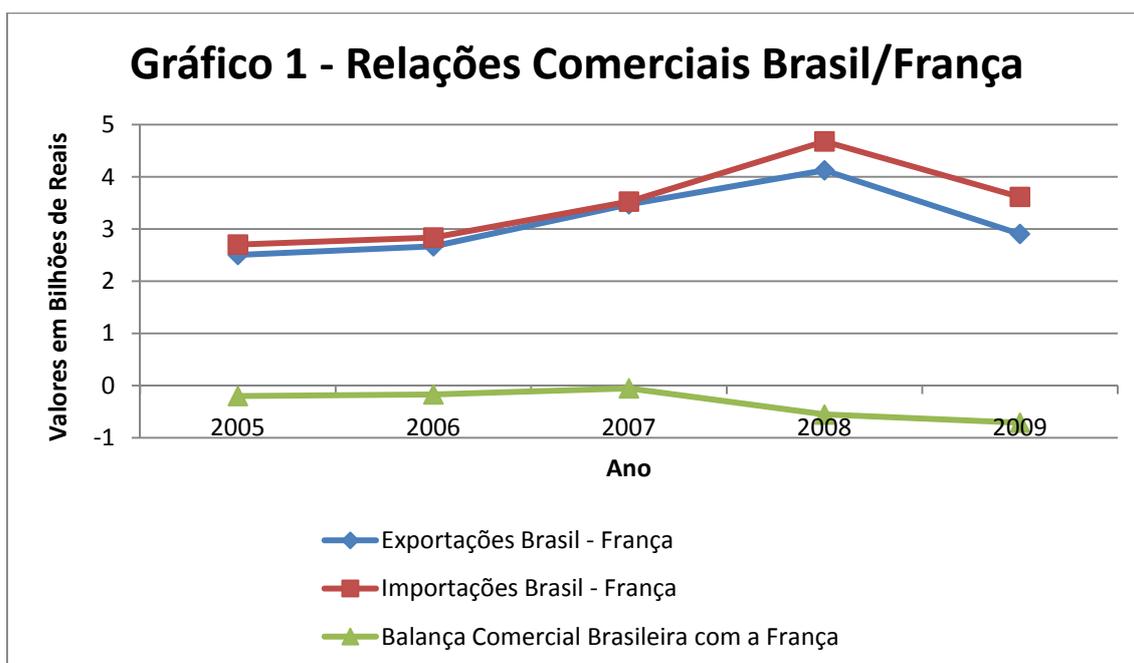
O ano de 2007 foi especialmente bom para o Brasil em suas relações comerciais com a França. As exportações brasileiras para o país francês cresceram 30,07% em relação a 2006, o que representou um montante de mais de 800 milhões de dólares. As importações de produtos franceses também subiram - 24,20% - e, apesar de a balança comercial brasileira em relação à França ainda ser deficitária, essa diferença caiu para pouco mais de 52 milhões de dólares. Tanto os produtos mais exportados pelo Brasil quanto os mais importados da França foram os mesmos do ano de 2006, com a diferença que suas quantidades, de modo geral, foram maiores que no ano anterior. Apesar de não ser possível mensurar a influência direta do Ano do Brasil na França na melhora das relações comerciais entre esses países, esses resultados podem indicar que a diplomacia cultural desenvolvida pelo Brasil na França foi benéfica para o comércio

exterior brasileiro. Em 2007, 2,16% do total de exportações brasileiras foram para a França, e 2,92% do total de importação foi relativa aos produtos franceses.

Em 2008, ano que antecedeu as comemorações do Ano da França no Brasil, as relações comerciais entre os dois países sofreram algumas perdas em função da crise mundial que aconteceu a partir do segundo semestre do ano. O saldo das exportações brasileiras para a França foi positivo, já que houve um aumento de 18,82%. Apesar do aumento, é possível perceber os efeitos da crise na França, já que o mês de novembro, quando os investimentos caíram no mundo todo, o país suspendeu algumas compras de produtos brasileiros, o que fez com o referido mês tivesse as piores taxas de exportação do ano, com uma queda de 43,5% em relação ao mês de outubro de 2008. As importações de produtos franceses apresentaram um aumento de 32,72%, o que é um indicador de que o Brasil sofreu menos que a França com a crise econômica mundial. Em função da discrepância entre as exportações e importações brasileiras em relação à França, 2008 apresentou o pior resultado da balança comercial brasileira até então: em números absolutos, o déficit foi de mais de 550 milhões de dólares. Os franceses continuaram comprando do Brasil, em maior quantidade, os mesmos produtos do ano anterior, mas o Brasil passou a comprar, em maiores quantidades, além das peças para aviões ou helicópteros, compostos de *pirazol* - usados na indústria farmacêutica – e acessórios para carrocerias de automóveis. Em 2008, 2,08% do total de exportações brasileiras foram para a França, e 2,7% do total de importações foram de produtos franceses.

Em 2009, Ano da França no Brasil, os números do comércio exterior entre os dois países ainda apresentaram indicativos de que a crise econômica mundial provocara alguns estragos ao redor do mundo. Pela primeira vez, desde 2001 – ano dos ataques terroristas ao World Trade Center nos Estados Unidos, as exportações brasileiras para a França apresentaram um valor negativo, registrando uma queda de 29,57% em relação ao ano de 2008. A importação de produtos franceses pelo Brasil também apresentou grande queda em relação a 2008: 22,72%. O déficit na balança comercial brasileira foi de aproximadamente 700 milhões de dólares, e os principais produtos exportados e importados pelo país foram praticamente os mesmos, com exceção de aviões e veículos aéreos, que foram o segundo grupo de produtos mais exportado pelo Brasil para a França, e medicamentos, que foram um dos produtos mais importados da França pelo Brasil, ficando atrás apenas de peças para aviões e para carrocerias de automóveis. Em

2009, 1,9% do total de exportação brasileira aconteceu para a França, e 2,83% do total de importação feita pelo Brasil foram de produtos franceses. Segundo dados do Itamaraty, a França é o oitavo parceiro econômico do Brasil e as trocas entre os dois países cresceram 135% nos últimos cinco anos. Em 2008, o intercâmbio comercial atingiu US\$ 8,8 bilhões. No primeiro semestre de 2009, as exportações brasileiras para a França foram de US\$ 1,6 bilhão, e as importações alcançaram US\$ 1,9 bilhão. A França foi o sexto maior investidor direto no Brasil em 2008, com um total de US\$ 2,2 bilhões. O estoque de investimentos franceses no Brasil é da ordem de US\$ 17,5 bilhões. (Agência Brasil, 07 de setembro de 2009. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 13 de março de 2010). O gráfico abaixo (Gráfico 1) apresenta a evolução dessas transações comerciais.



Fonte: MDIC⁴. Março de 2010. Elaboração própria do autor.

⁴ O gráfico foi montado tendo como base dados oficiais do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

4.2 TURISMO

Os resultados que Brasil e França obtiveram em suas relações comerciais, apesar da crise econômica mundial de 2008 e 2009, também se refletiram no mercado de turismo de ambos os países. Segundo dados do Ministério do Turismo brasileiro (www.turismo.gov.br, acesso em 21 de fevereiro de 2010), desde 2003 até 2007, a França ocupou, de maneira geral, o sétimo lugar em emissão de turistas para o Brasil, passando para sexto lugar em 2006, mas voltando para sétimo em 2007. Para este trabalho, interessam as chegadas de turistas franceses ao Brasil a partir de 2004, ano que antecedeu as comemorações do Brasil na França. No ano de 2004, 224.160 turistas franceses vieram ao Brasil. Em 2005, foram 263.829; nos anos de 2006 e 2007, chegaram ao Brasil, provenientes da França, respectivamente 275.913 e 254.367 turistas⁵. Os franceses vêm ao Brasil, em sua maioria, por motivos de lazer e negócios. Já os brasileiros, que normalmente vão para a Europa contando com a possibilidade de visitarem vários países em uma única viagem, também aumentaram sua opção pela França nos últimos anos. Segundo dados da Comissão Européia de Turismo publicados no Jornal de Turismo (GRASSI, 27 de maio de 2008. In: www.jornaldeturismo.com.br, acesso em 21 de fevereiro de 2010), apesar de os turistas brasileiros estarem longe de ser o número mais representativo na França, de 2006 para 2007, houve um aumento de 10% no desembarque de brasileiros no país. É interessante notar que esse significativo aumento ocorreu mesmo antes de haver o Ano da França no Brasil. A França é o país mais visitado do mundo (www.tourisme.gouv.fr, acesso em 21 de fevereiro de 2010) e isso se dá, em grande medida, porque o país investe em diplomacia cultural, disseminando sua cultura pelo mundo. E apesar dos altos custos para os brasileiros em visitar países da Europa, é notável que, tendo em vista o aumento no número de turistas para a França, o país europeu conseguiu alcançar o Brasil com sua disseminação cultural.

⁵ Os dados encontrados no site do Ministério do Turismo brasileiro estão atualizados até o ano de 2007.

4.3 PARCEIRIA MILITAR

Além das trocas comerciais e fluxos turísticos, Brasil e França puderam avançar nas negociações, principalmente em 2009, de algumas questões que vinham sendo discutidas há alguns anos. O caso da cooperação militar foi singular nesse sentido. Na ocasião da visita do presidente Sarkozy ao Brasil, no dia 07 de setembro de 2009, o presidente francês e o presidente Lula assinaram o acordo militar Brasil – França no valor aproximado de 22 bilhões de reais, a serem pagos pelo Brasil em 20 anos, a princípio com recursos do Tesouro e financiamentos externos aprovados pelo Congresso Nacional. O acordo, que já foi tecnicamente autorizado pelo Tesouro Nacional, inclui a compra de submarinos convencionais, helicópteros e tecnologia para desenvolver um modelo de propulsão nuclear (France Presse, 10 de setembro de 2009. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 21 de fevereiro de 2010). O acordo militar Brasil – França inclui também a polêmica compra de caças, que onerariam o acordo em pelo menos mais dez bilhões de reais. Apesar de a renovação do esquadrão da Força Aérea Brasileira – FAB – vir sendo discutido desde 2001, a concretização do negócio, que ainda não foi concluída, gerou várias questões técnicas e diplomáticas. Antes mesmo de avaliar propostas de outros possíveis concorrentes para a licitação dos caças - o governo brasileiro deverá encerrar em julho de 2010 a análise das propostas para compra de novos jatos, apresentadas pela francesa Rafale, pela americana Boeing e pelos suecos da Grippen - a imprensa brasileira divulgou, em setembro de 2009, anúncio do presidente Lula de que os aviões seriam comprados da França, porque o país, além de fazer a venda, faria a transferência de tecnologia (DIAS, 22 de dezembro de 2008. In: www.g1.com, acesso em 14 de março de 2010).

"O que posso dizer é que nossas discussões estão muito avançadas e penso que chegaremos a bom termo com a França. Todo mundo sabe que uma das exigências do Brasil é ter acesso à tecnologia. Não podemos comprar um avião caça sem possuir a tecnologia e é justamente porque pensamos em produzir uma parte deste avião no Brasil. Temos uma importante empresa que é capaz de fazê-lo". Presidente Lula. (GUERREIRO, 06 de setembro de 2009. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 14 de março de 2010).

A antecipação do Presidente Lula foi alvo de críticas, principalmente porque as outras duas empresas participantes da licitação, após declarações do presidente, também

se manifestaram no sentido de aceitar transferir a tecnologia dos aviões ao Brasil. Por conta disso, o ministro da Defesa Nelson Jobim veio a público para afirmar que, apesar de o acordo ainda não ter sido fechado, há preferência do Brasil por negociar com a França.

"O negócio não está fechado, mas há efetivamente pela parte do governo uma opção pela França. Basta que a França cumpra o compromisso de transferência de tecnologia". Ministro da Defesa Nelson Jobim. (FALCÃO, 16 de setembro de 2009. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 14 de março de 2010).

Além disso, a avaliação técnica da Força Aérea Brasileira – FAB - concluiu que o melhor para o Brasil seria a aquisição dos caças suecos, ficando os americanos em segundo lugar e os franceses em último. Nesse sentido o governo brasileiro deixou claro que a escolha dos aviões não será apenas técnica, mas também política. Em nota oficial do Ministério da Defesa, publicada em 04 de fevereiro de 2010, o ministro Nelson Jobim declarou:

"Desde 06 de janeiro, realizam-se, por órgãos competentes do Ministério da Defesa, análises dos aspectos políticos, estratégicos e financeiros do referido pacote tecnológico. Tais análises têm como parâmetro a Estratégia Nacional de Defesa, aprovada em dezembro de 2008. O Ministério da Defesa levará em consideração, também, outras informações enviadas pelos governos interessados e pelos proponentes". (GUERREIRO, 04 de fevereiro de 2010. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 14 de março de 2010).

O posicionamento do governo brasileiro diante da questão dos caças tem sido marcante para suas relações com a França. Já está clara a preferência do Brasil pela França, o que extrapola as questões de cooperação militar. Para o Brasil é importante manter o bom relacionamento com os franceses, seja ele político, militar ou econômico, e uma compra vultosa como será a dos aviões selaria a boa fase das relações bilaterais entre os países.

4.4 PARCERIA CLIMÁTICA

As parcerias políticas que vêm sendo firmadas entre os países também sinalizam os esforços de cooperação mútua. Uma das mais significativas foi sobre o aquecimento global. Brasil e França apresentaram proposta conjunta na Conferência do Clima que aconteceu em Copenhague, Dinamarca, em dezembro de 2009 (COP – 15). A união entre um país desenvolvido e outro em desenvolvimento passou aos outros países a imagem de que interesses podem ser conciliados a favor de conter o aquecimento global e do desenvolvimento sustentável. As discussões se deram em razão da necessidade de se criarem novas metas até 2012, quando expira o Protocolo de Kyoto. Os países apresentaram metas ambiciosas que prevêm redução de 80% nas emissões de gás carbônico pelos países desenvolvidos, esforços para diminuição do desmatamento, criação de uma organização internacional de ambiente e desenvolvimento sustentável, dentre outras (Ruters, 14 de novembro de 2009. In: www.folhaonline.com.br, acesso em 14 de março de 2010).

"Tornamos público hoje um texto brasileiro e francês, porque queremos que Copenhague seja um sucesso, não aceitaremos um acordo qualquer". Presidente Nicolas Sarkozy à imprensa ao final de um encontro no Palácio do Elysée com o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva. (France Presse, 14 de novembro de 2009. In: www.afp.com, acesso em 14 de março de 2010).

Os esforços de Brasil e França para que se chegasse a um acordo sobre o clima na Conferência de Copenhague não foram suficientes para convencer os países mais ricos a diminuir sua emissão de gases poluentes. Apesar disso, o Brasil se posicionou como protagonista mundial na COP – 15, já que, além de sua sólida parceria com a França, o país foi bom negociador, mesmo se mantendo firme em suas posições iniciais. Esse posicionamento foi importante para o país no sentido de que reforçou a importância de seu papel nas questões mais importantes no contexto global.

4.5 CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU

As posições firmes e bem pensadas do Brasil, assim como seu interesse em se aproximar da França, têm um ponto em comum: alcançar o tão esperado posto de membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. A França, um dos membros do Conselho, apóia abertamente a inclusão permanente do Brasil no Conselho de Segurança, situação favorecida pelo bom momento vivido pelos dois países. Na última Assembléia Geral da ONU, em outubro de 2009, o Brasil foi eleito para ocupar, pela décima vez, uma cadeira rotativa no Conselho. A conquista brasileira se deu em um momento em que a autoridade e função da ONU no mundo estão sendo questionadas. O próprio presidente Lula contestou a representatividade do Conselho, cujos membros permanentes – Estados Unidos, França, China, Rússia e Reino Unido – não têm representantes da América Latina.

“A ONU de 1948 não representa a relação de força existente no mundo hoje. Se a ONU quiser voltar a ter representatividade, tomar as decisões e essas decisões serem executadas, ela tem que reformar o conselho e colocar outros países”. Presidente Lula. (WORSNIP, 15 DE OUTUBRO DE 2009. In: www.g1.globo.com, acesso em 14 de março de 2010).

O interesse do Brasil em se tornar membro permanente do Conselho de Segurança é antigo, mas ficou mais forte no governo do presidente Lula, tornando-se um tema essencial para a política exterior do Brasil. Apesar das dificuldades, a reivindicação brasileira tem apoio de vários países, situação que coloca a França como apenas mais um. Não se julga aqui a importância do apoio francês a esse pleito, mas sim a efetiva força que o país tem para ajudar o Brasil a alcançar seu objetivo. Diante da resistência dos outros membros do Conselho em expandi-lo, é visível a dificuldade que a França terá que enfrentar se estiver mesmo disposta a ajudar o Brasil a se tornar membro permanente do Conselho. Essa situação, contudo, não enfraquece a relação entre França e Brasil.

Diante disso, é possível perceber como a relação entre Brasil e França vem se consolidando. Os países se tornaram grandes parceiros políticos e comerciais, muito por conta dos eventos culturais em que um homenageou o outro. Esses são, na verdade, os primeiros frutos colhidos de um projeto de diplomacia cultural de longo prazo. Segundo

o embaixador brasileiro em Paris, José Maurício Bustani, em entrevista à Rádio France Internationale em 21 de abril de 2009, o ano da França no Brasil não foi apenas uma homenagem com data de validade, mas um reflexo do bom momento das relações entre os dois países e com objetivos a longo prazo.

“É um programa extremamente ambicioso, para consolidar essa cooperação entre a França e o Brasil. Essa é a idéia, não apenas um programa para o Ano, mas um programa que vai começar a partir de uma relação estabelecida recentemente pelo presidente Lula e o presidente Sarkozy. Uma parceria política, econômica e estratégica”. Embaixador José Maurício Bustani. (CAMERA, 21 de abril de 2009. In: www.oglobo.globo.com, acesso em 14 de março de 2010).

5. CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho foi analisar dois eventos culturais – Ano do Brasil na França e Ano da França no Brasil – tendo como foco a utilização da cultura como fator relevante da política externa de um país, o que fortalece a diplomacia cultural. O estudo dos dois eventos supracitados acarretou em algumas conclusões.

Concluiu-se, primeiramente, que a diplomacia cultural é um importante instrumento utilizado para alcançar objetivos nacionais tanto de natureza cultural, quanto de natureza política, comercial, econômica, dentre outras. Isso porque a cultura é um meio mais brando que se pode usar para atrair outros países. O uso da diplomacia tradicional é importante, mas não deve suprimir o uso da diplomacia cultural. Os dois eventos analisados exemplificam como é possível fazer bom uso de aspectos culturais do país para atrair as atenções de pessoas e mercados. Nesse sentido, o ponto central da diplomacia cultural é defender os interesses de um país no exterior e contribuir para o entendimento entre países fazendo uso da cultura para isso. Isso significa que a cultura não é o principal resultado almejado, mas o meio para se alcançar outros objetivos relevantes aos Estados.

Esse entendimento leva à segunda conclusão. Como a cultura não é o resultado almejado pela diplomacia cultural, mas o meio de atuação dessa diplomacia, é possível concluir que o alcance dos objetivos políticos, comerciais e econômicos que a cultura pode acarretar é de longo prazo. Uma das premissas da diplomacia cultural é que quanto menos óbvios são seus objetivos, melhores as perspectivas de uma política cultural, ou seja, os resultados não se alcançam em curto ou médio prazo, nem são fáceis de serem mensurados. Caso contrário, seria possível visualizar claramente um significativo aumento, por exemplo, das exportações de produtos brasileiros para a França. Apesar de as relações entre Brasil e França virem melhorando e se consolidando desde 2005, Ano do Brasil na França, ainda não é possível perceber uma mudança significativa de postura dos dois países. É possível perceber, contudo, uma iniciativa concreta de aproximação e de acordos mútuos firmados entre os países. Esses fatos corroboram, portanto, o entendimento de que a diplomacia cultural alcança seus objetivos no longo prazo.

A terceira conclusão diz respeito ao posicionamento do Brasil em relação ao uso da diplomacia cultural. É notável que se percebeu no Brasil como eventos de divulgação cultural para o exterior são importantes para a consolidação do país no cenário internacional. Basta olhar os bons exemplos de países que sabem como divulgar sua cultura para o exterior, como França e Estados Unidos, para concluir como o apelo por consumo de produtos e culturas desses países é grande. O Brasil apresenta uma cultura rica, que, se bem explorada, pode gerar bons frutos para o país. Isso vem sendo bem desenvolvido pela diplomacia brasileira, e o Ano da França no Brasil foi bom exemplo disso. O Brasil tem objetivos claros em seu relacionamento com a França – acordo militar, apoio para assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, comércio – e a consolidação desse relacionamento se deu, principalmente, no ano de homenagens à França no Brasil, quando o foco estava na cultura francesa, e não nas relações políticas entre os dois países.

A diplomacia cultural é um tema rico e ainda pouco explorado pelos pesquisadores das relações internacionais. Por conta disso, como próximos passos de pesquisa, pode-se avaliar o desenvolvimento da diplomacia cultura pelo Brasil no contexto da América Latina, região cuja influência brasileira é grande, apesar de haver certa resistência dos outros países à liderança brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, 83 p.

BLUM, Robert (Org.). *Cultural Affairs and Foreign Relations*. Columbia University: The American Assembly, 1963, 184 p.

CAMPOS, Ana Cristina Pinheiro. *A Cultura tem Poder: uma reflexão sobre o processo de institucionalização do campo cultural brasileiro (séculos XIX – XX – XX)*. Brasília: UnB, 2007, 145 p.

FURTADO, Celso. *Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, 128 p.

HARVEY, Edwin R. *Relaciones Culturales Internacionales en Iberoamérica y el Mundo*. Madri: Editorial Tecnos, 1991, 313 p.

MITCHELL, J. M. *International Cultural Relations: key concepts in international relations - 3*. Londres: Allen & Unwin Publishers Ltd., 1986, 253 p.

RIBEIRO, Edgard Telles. *Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1989, 104 p.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, 89 p.

Documentos Eletrônicos

ABC. Site oficial da Agência Brasileira de Cooperação. Disponível em < WWW.abc.gov.br >. Acesso em 20 de novembro de 2009.

Académie Française. Academia Francesa de Letras. Disponível em < www.academie-francaise.fr >. Acesso em 17 de janeiro de 2010.

AGÊNCIA BRASIL. Após desfile, Sakosy assina acordos para aprofundar parceria estratégica Brasil – França. *Folha Online*, 07 de setembro de 2009, Brasil. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 13 de março de 2010.

AMAZARRAY, Igor. *COP 15: fatos, fatores e possibilidade de impasse*. Nov. 2009. Disponível em < www.mundorama.net >. Acesso em 14 de março de 2010.

BOM DIA BRASIL. Brasil e França selam parceria bilionária por tecnologia militar. *Bom Dia Brasil*, Rio de Janeiro, 08 de setembro de 2009. Disponível em < www.g1.com/bomdiabrasil >. Acesso em 13 de março de 2010.

Brasil Cultura. A exposição Tarsila do Amaral. *Brasil Cultura*, 27 de abril de 2009, Artes Plásticas. Disponível em < www.brasilcultura.com.br >. Acesso em 12 de fevereiro de 2010.

BRASIL. Cultura. Site oficial do Ministério da Cultura do Brasil. Disponível em < WWW.cultura.gov.br >. Acesso em 15 de novembro de 2009.

BRASIL. IRBR. Instituto Rio Branco. Disponível em < www.mre.gov.br/instituto >. Acesso em 31 de janeiro de 2010.

BRASIL. MDIC. Site oficial do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil. Disponível em < WWW.mdic.gov.br >. Acesso em 18 de fevereiro de 2010.

BRASIL. MRE. Site oficial do Ministério de Relações Exteriores do Brasil. Disponível em < WWW.mre.gov.br >. Acesso em 15 de novembro de 2009.

BRASIL. MTUR. Site oficial do Ministério do Turismo do Brasil. Disponível em < www.turismo.gov.br >. Acesso em 21 de fevereiro de 2010.

BRASIL. Presidência da República. Site oficial da Presidência da República do Brasil. Disponível em < WWW.presidencia.gov.br >. Acesso em 15 de novembro de 2009.

BRASIL. Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura. Brasil levará 400 projetos culturais para a França em 2005. *Wooz*, São Bernardo do Campo, jan. 2003. Disponível em < www.wooz.org.br >. Acesso em 07 de março de 2010.

BRASIL TURIS. Ano da França: a modernidade francesa para o Brasil em 560 eventos. *Brasil Turis*, 15 de novembro de 2009. Disponível em < www.cultura.gov.br >. Acesso em 16 de fevereiro de 2009.

Brésil, Brésis. Site oficial do ano do Brasil na França. Disponível em < www.bresilbresils.org >. Acesso em 12 de novembro de 2009.

CAMERA, Mário. “Ano da França tem objetivos a longo prazo”, diz embaixador brasileiro. *O Globo*, Paris, 21 de abril de 2009, À Francesa. Disponível em < www.oglobo.globo.com >. Acesso em 14 de março de 2010.

CCFB. Site oficial da Câmara de Comércio França Brasil. Disponível em < WWW.ccfb.com.br >. Acesso em 12 de novembro de 2009.

Comunidade França – Brasil. Site oficial da Comunidade França – Brasil. Disponível em < www.comunidadefb.com.br >. Acesso em 16 de fevereiro de 2010.

DIAS, Wilson. Jobim anuncia acordos militares entre Brasil e França. *G1*, 22 de dezembro de 2008. Disponível em < www.g1.com >. Acesso em 14 de março de 2010.

Diplomatie. Site oficial do Ministério de Relações Exteriores da França. Disponível em < www.diplomatie.gouv.fr >. Acesso em 14 de novembro de 2009.

DUARTE, Alessandra. Gil lança no Rio o Ano da França no Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 2008. Disponível em < www.oglobo.globo.com >. Acesso em 14 de março de 2010.

FALCÃO, Márcio. Jobim confirma preferência do governo por caças franceses. *Folha Online*, Brasília, 16 de setembro de 2009, Brasil. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 14 de março de 2010.

FERNANDES, Daniela. Mostra “Brasil Indígena” lança Ano do Brasil na França. *Folha Online*, Paris, 23 de março de 2005, BBC Brasil. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 07 de março de 2010.

_____. Mostra de Tarsila do Amaral encerra o Ano do Brasil na França. *Folha Online*, Paris, 19 de dezembro de 2005, BBC Brasil. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 07 de março de 2010.

FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. *Definições Conceituais para o Entendimento da Política Externa dos Estados Unidos: as noções de poder duro (Hard Power) e poder brando (Soft Power)*. Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas. Disponível em < www.santiagodantassp.locaweb.com.br >. Acesso em 31 de janeiro de 2010.

Festival Campos do Jordão. Site oficial do Festival de Inverno de Campos do Jordão. Disponível em < www.festivalcamposdojordao.org.br >. Acesso em 13 de março de 2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. Gilberto Gil diz que “Ano da França no Brasil” terá 400 eventos. *Folha Online*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 2008, Ilustrada. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 13 de março de 2010.

Folha Online. Site do jornal Folha de São Paulo. Disponível em < WWW.folha.uol.com.br >. Acesso em 11 de novembro de 2009.

França.Br. Site oficial do Ano da França no Brasil. Disponível em < www.anodafrancanobrasil.cultura.gov.br >. Acesso em 15 de novembro de 2009.

FRANCE PRESSE. Brasil e França adotam texto comum para Copenhage. *France Presse*, Paris, 14 de novembro de 2009. Disponível em < www.afp.com >. Acesso em 14 e março de 2009.

_____. Cité de la Musique de Paris homenageia a Música Brasileira. *Folha Online*, Paris, 16 de março de 2005, Ilustrada. Disponível em < www.folaonline.com.br >. Acesso em 07 de março de 2010.

_____. Brasil busca tecnologia de ponta para se transformar em potência mundial. *Folha Online*, Paris, 10 de setembro de 2009. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 21 de fevereiro de 2010.

FRANCE. *Ambafrance*. Site oficial da Embaixada da França no Brasil. Disponível em < WWW.ambafrance-br.org >. Acesso em 15 de novembro de 2009.

FRANCE. *Tourisme*. Site oficial do Ministério do Turismo francês. Disponível em < www.tourisme.gouv.fr >. Acesso em 21 de fevereiro de 2010.

GRASSI, Irena. Cresce a presença de turistas brasileiros na Europa. *Jornal de Turismo*, São Paulo, 27 de maio de 2008. Disponível em < www.jornaldeturismo.com.br >. Acesso em 21 de fevereiro de 2010.

GUERREIRO, Gabriela. Sarkozy chega ao Brasil para fechar acordo militar bilionário. *Folha Online*, Brasília, 06 de setembro de 2009, Brasil. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 14 de março de 2010.

_____. Defesa nega conclusão sobre caças e diz que escolha não será apenas técnica. *Folha Online*, Brasília, 04 de fevereiro de 2010, Brasil. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 14 de março de 2010.

INÁCIO, Alexandre. Governo encerra Ano da França no Brasil. *Estadão Online*, São Paulo, 15 de novembro de 2009. Disponível em < www.cultura.gov.br >. Acesso em 16 de fevereiro de 2010.

Jornal de Turismo. Site do Jornal de Turismo. Disponível em < www.jornaldeturismo.com.br >. Acesso em 21 de fevereiro de 2010.

Le Figaro. Site do jornal francês Le Figaro. Disponível em < WWW.lefigaro.fr >. Acesso em 16 de novembro de 2009.

Le Monde. Site do jornal francês Le Monde. Disponível em < WWW.lemonde.fr >. Acesso em 16 de novembro de 2009.

MORAES, Cássia & VICENTE, Tainá Dias. *Copenhague: os países em desenvolvimento às vésperas da Conferência*. Des. 2009. Disponível em < www.mundoramam.net >. Acesso em 14 de março de 2010.

MAGIOLI, Ailton. Festival mundial de Circo comemora o Ano da França no Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 de junho de 2009, Em Cultura. Disponível em < www.uai.com.br >. Acesso em 13 de março de 2010.

NYE, Joseph S. The Benefits of Soft Power. *Working Knowledge*. Harvard Business School. fev. 2004. Disponível em < <http://hbswk.hbs.edu/archive/4290.html> >. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.

O Globo. Site oficial do Jornal O Globo. Disponível em < www.oglobo.globo.com >. Acesso em 14 de março de 2010.

OPELZ, Hannes. Anti-Americanism and the Paradox of Soft Power. *The Talent: politics beyond nations*. v. 10, out. 2004. Disponível em < www.thetalent.org >. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.

RUDZIT, Gunther & NAGAMI, Oto. *Relação Estratégica Brasil – França: questões a serem respondidas*. Set. 2009. Disponível em < www.mundorama.nrt >. Acesso em 14 de março de 2010.

REUTERS BRASIL. Conheça pontos da proposta de Brasil e França para Copenhage. *Folha Online*, Paris, 14 de novembro de 2009, Ambiente. Disponível em < WWW.folhaonline.com.br >. Acesso em 14 de março de 2010.

SANTOS, Welington. Cooperação Brasil-França. *Artigos Web*. fev. 2009. Disponível em < www.artigosweb.com >. Acesso em 08 de novembro de 2009.

SIMÕES, Eduardo. Brasil na França atrai 15 milhões. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 de dezembro de 2005. Disponível em < www.folhaonline.com.br >. Acesso em 14 de fevereiro de 2010.

SOARES, Maria Susana Arrosa. A diplomacia cultural no Mercosul. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília, v. 51, n. 1, abril 2008. pp. 53-69. Disponível em: < www.scielo.org >. Acesso em 31 de janeiro de 2010.

TURIBA, Luís. Índios do Brasil encantam Paris. *BRASIL. Ministério da Cultura*, Paris, 20 de março de 2005. Disponível em < www.cultura.gov.br >. Acesso em 11 de fevereiro de 2010.

UAI. Site oficial do jornal Estado de Minas. Disponível em < www.uai.com.br >. Acesso em 13 de março de 2010.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. UNESCO. Disponível em < www.unesco.org >. Acesso em 31 de janeiro de 2010.

Virada Cultural. Site oficial da Virada Cultural de São Paulo. Disponível em < www.viradacultural.org >. Acesso em 16 de fevereiro de 2010.

Visit Europe. Site oficial da Comissão Europeia de Turismo na América Latina. Disponível em < www.visiteurope.com >. Acesso em 21 de fevereiro de 2010.

WERNECK, Gustavo. Ouro Preto sedia abertura do Ano da França no Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de abril de 2009, Minas. Disponível em < www.uai.com.br >. Acesso em 13 de março de 2010.

Wooz. Site oficial da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público Wooz. Disponível em < www.wooz.org.br, acesso em 07 de março de 2010).

WORSNIP, Patrick. Brasil obtém vaga rotativa no Conselho de Segurança da ONU. *G1*, 15 de outubro de 2009, Rueters. Disponível em < WWW.g1.globo.com >. Acesso em 14 de março de 2010.